

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**O dilema das nacionalidades e a Revolução de Outubro (1919 - 1923)**

PEDRO BARCELLOS DE VALLS MACHADO

Porto Alegre, Julho de 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PEDRO BARCELLOS DE VALLS MACHADO

**O dilema das nacionalidades e a Revolução de Outubro (1919 - 1923)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de graduação em História

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Carla Brandalise

Porto Alegre, Julho de 2019

## **RESUMO:**

A Revolução Russa completou 100 anos no ano de 2017. Muitos trabalhos científicos na área das humanidades saíram e muitos ainda sairão, neste ano. Um tema que nem esse, tão complexo e que deixou marcas tão profundas na História, será estudado neste trabalho de conclusão de curso. Não é o intuito reestudar a Revolução Russa por seu nascimento ou seus porquês. Minha pesquisa tem como foco o pensamento dos bolcheviques frente às nacionalidades. É uma pesquisa que buscará estabelecer o dilema dos soviéticos em relação às regiões. Será traçado um paralelo entre o pensamento teórico bolchevista anterior à Revolução e no período que abrange o recorte de 1919 a 1923. Por que? Porque foi a partir de 1919 que ocorre a grande mudança no ponto de vista bolchevista, onde é defendido que cada região se apresentava em determinado grau de desenvolvimento. E finalizarei em 1923, pois foi um ano crucial para o Partido Bolchevique: devido ao já consolidado poder soviético, à criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a centralização do poder na Rússia e a ascensão de Joseph Stalin como Secretário Geral. Para embasar minha pesquisa, será estabelecido o conceito de "nacionalismo". Serão vistos determinados autores que teorizam sobre o que é "nacionalismo", comparando o tema ao conceito. Irá ser buscado, conseqüentemente, se o conceito pode ser aplicado à realidade historiográfica, ou se há discrepâncias entre ambos.

Palavras-chave: bolcheviques; pensamento bolchevique; dilema; nacionalidades; nacionalismo; populações;

## **ABSTRACT:**

The Russian Revolution has completed 100 years in the year of 2017. Many scientific works in the humanities area were released and many will be this year. A topic like this so complex and who left deep marks in History will be studied in this graduation course work. Is not the purpose to study again the Russian Revolution in its birth or whys. My research has the focus on the Bolshevik thought about the nationalities. It will be delineate a draw between the Bolshevik teoric thought before the Revolution and in the period that comprise the 1919 - 1923 cut. Why? Because it was from 1919 that occurs the big change in the Bolshevik point of view where is defended that each region had different development degree in comparison to another. And I will end at 1923, because it was the crucial year to the Bolshevik Party: due the already consolidated soviet power, the creation of the Union of Soviet Socialist Republics, the power's centralization in Russia and the rise of Joseph Stalin as a Secretary General. To base my research it will be establish the concept of "nationalism", comparing the theme with the concept. It will be searched, thereafter, if the concept can be apply at the context on historiography or if there is discrepancy between both.

Key words: Bolsheviks; Bolshevik thought; dilemma; nationalities; nationalism; populations;

## ÍNDICE

---

<b>Introdução</b>	<b>8</b>
<b>I. O pensamento bolchevique frente às nacionalidades</b>	<b>11</b>
<b>II. A guerra civil</b>	<b>29</b>
<b>III. O refluxo revolucionário em 1923</b>	<b>37</b>
<b>IV. Conclusão</b>	<b>40</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>43</b>

*Para meu pai e herói*



## Introdução

A pesquisa a seguir irá abordar o pensamento bolchevique frente às nacionalidades no recorte histórico de 1919 a 1923. E por que este recorte temporal? Porque foi a partir de 1919 que ocorre a grande mudança no ponto de vista bolchevista, onde é defendido que cada região se apresentava em determinado grau de desenvolvimento. E finalizarei em 1923, pois foi um ano crucial para o Partido Bolchevique: devido ao já consolidado poder soviético, à criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a centralização do poder na Rússia e a ascensão de Joseph Stalin como Secretário Geral. Para isso, estaborecerei o tema com a exposição de fontes históricas da época, especialmente escritos bolchevistas, discursos, resoluções e obras. Junto com as fontes históricas, será estudado o conceito de "nacionalidade" e "nacionalismo", especialmente a partir das obras de Benedict Anderson, Ernest Gellner, Hans Köhn e Eric Hobsbawn, procurando embasar o tema de pesquisa. No que se refere às fontes históricas, vamos detalhá-las para verificar como serão expostas dentro da pesquisa: serão cinco fontes históricas dos três principais protagonistas da Revolução de Outubro: Lênin, Stalin e Trótski. A primeira, chamada *The Ukraine*<sup>1</sup>, de 1917, é um panfleto de Lênin que estabelece o contexto histórico da Ucrânia antes da Revolução de Outubro e o papel do operariado ucraniano; a segunda fonte se trata de uma resolução do Partido Bolchevique de maio de 1917<sup>2</sup>, onde podemos verificar o ponto de vista anterior à vitória em outubro; a terceira é a ata do 8º Congresso do Partido Bolchevique em 1919<sup>3</sup>, onde é estabelecido o novo ponto de vista frente às nacionalidades, já dentro do contexto da guerra civil russa; a quarta fonte histórica é um escrito de Stalin, datado de 1920<sup>4</sup>, onde ele estabelece como deveria se dar a política soviética nas repúblicas asiáticas e montanhosas - Quirguistão, Azerbaijão, Geórgia -. Este escrito expõe o ponto de vista bolchevique interligado com a mudança de posicionamento de 1919, junto com aspectos políticos próprios de Stalin em relação a estas regiões; e a quinta fonte histórica é o livro de Leon Trótski sobre a Revolução Russa<sup>5</sup>, onde ele debate o dilema das nacionalidades, o papel do campesinato e os diferentes desenvolvimentos socioeconômicos nas regiões periféricas. Veremos nessa pesquisa que a política levada a cabo pelos bolcheviques no que se refere às repúblicas irá mudar quatro vezes: o primeiro ponto de vista se estabelece no

---

<sup>1</sup> Retirado do *Marxist Internet Archive*, disponível em <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1917/jun/28.htm>

<sup>2</sup> Retirado do *Marxist Internet Archive*, disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/05/16-02.htm>

<sup>3</sup> Retirado do *Marxist Internet Archive*, disponível em <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1919/rcp8th/03.htm>

<sup>4</sup> Retirado do *Marxist Internet Archive*, disponível em <https://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1920/10/10.htm>

<sup>5</sup> Leon Trotsky - A História da Revolução Russa - Terceiro Volume: O triunfo dos soviets. Rio de Janeiro: Saga, 1967

decorrer do ano de 1917 até a vitória em outubro. O segundo é posterior à outubro e já tendo modificações no ano de 1918 até o congresso de 1919; em 1919, com a radicalização da guerra civil russa, ocorre um novo aspecto defendido por Lênin que foi chamado de "estágios de transição" entre o medievalismo e a democracia. E, finalmente, com a ascensão de Stalin e sua ala ao poder, o estabelecimento de determinados aspectos ainda defendidos em 1919, mas já com a preocupação de criar a União Soviética.

Com essa pesquisa, parto de uma hipótese. Já em 1922, com a criação da União Soviética, a política soviética vai, gradualmente, abandonando o internacionalismo e propõe o estabelecimento do novo Estado. Ou seja, os soviéticos não esperariam mais a "resposta do Ocidente" frente a revolução e criaria condições materiais para garantir a defesa da União Soviética. Mesmo a Revolução de Outubro tendo um caráter internacionalista, não teria sido o fator russo decisivo para manter as regiões periféricas? Veremos que Stalin, como comissário das nacionalidades, procurou trazer ao centro da Revolução os povos mais longínquos da Rússia, como os da Ásia oriental, da Sibéria e povos ainda considerados tribais. Propondo a salvaguarda da Revolução e a manutenção dos antigos territórios do império russo, Stalin procurou traçar linhas sobre federação junto com Lênin. Esta ideia de federação, que viria a se tornar a União Soviética, teve um princípio baseado na política nacional. Portanto, nacional no que se refere a construção do Estado, mas internacional às culturas e tradições periféricas. Neste contexto de política nacional, verificaremos também casos de algumas regiões onde o nacionalismo era mais enraizado, como é o caso da Ucrânia e da Polônia. E elencando estes casos, irei estabelecer o conceito de "nacionalismo" ou "nacionalidade" estabelecido por autores como Benedict Anderson, Ernest Gellner, Hans Köhn e Eric Hobsbawm. Um dos aspectos que há convergência entre Anderson, Gellner e Hobsbawm é o da complexificação das sociedades modernas a partir da tecnologia. Assim, a conexão entre a língua e a tecnologia é o que vai determinar uma língua oficial de um país, criando uma identidade nacional.<sup>6</sup> Outro aspecto que envolve o nacionalismo é monopólio estatal da educação, onde o Estado usará a alfabetização como um instrumento que criará um pertencimento nacional no indivíduo.<sup>7</sup> Além disso, outro ponto em comum destes autores se encontra na ideia de que o nacionalismo oficial é criado com o fenômeno da industrialização e do Estado centralizado.<sup>8</sup> Já em Hans Köhn, o autor, trabalhando com o nacionalismo, indica um aspecto mais voltado ao pan-eslavismo. Köhn argumenta que desde metade do Século XIX havia começado um movimento eslavo contra a russificação dos países

---

<sup>6</sup> ANDERSON, Benedict R. Comunidades imaginadas - Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Capítulo 2 - As origens da consciência nacional. Pp 79 - 80. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>7</sup> GELLNER, Ernest. Nacionalismo e Democracia. As raízes sociais do nacionalismo e a diversidade de suas formas. Pg 77. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

<sup>8</sup> Ibid, ANDERSON, B. Pg 75

periféricos da Rússia; a partir dessa russificação os povos periféricos criam um maior senso de nacionalidade para combater as anexações ou abusos estrangeiros, como é o caso ucraniano.<sup>9</sup>

O trabalho, portanto, se dividirá em quatro partes: a caracterização da hipótese, como dito acima; o ponto de vista teórico dos bolcheviques frente às nacionalidades tendo como base o conceito de "nacionalismo"; e os contextos políticos que fizeram parte da Revolução Russa entre 1919 a 1923, ou seja, da guerra civil russa até o refluxo revolucionário de 1923. É importante ressaltar que nesta pesquisa serão apontados itens nacionais dentro deste contexto histórico para comparar com o conceito escolhido.

---

<sup>9</sup> KÖHN, Hans - Reflexões sobre a História Moderna: O Historiador e a Responsabilidade Humana. Aspectos do Nacionalismo. O impacto do Pan-eslavismo na Europa Central. Página 214. São Paulo: Fundo de Cultura, 1ª Ed, 1965.

## I. O pensamento bolchevique frente às nacionalidades

A posição dos bolcheviques em relação às nacionalidades no decorrer do ano de 1917 não teve mudanças significativas quanto à questão teórica. No bojo dos acontecimentos uma das principais preocupações dos bolcheviques – entre abril e maio daquele ano – era garantir maior participação na conferência nacional dos Sovietes. Isaac Deustcher aborda este aspecto:

(...) o bolchevismo aumentava seu prestígio. Os 133 delegados à conferência nacional representavam cerca de 76 mil membros. (...). Isso ainda não passava de um “punhado” que pesaria muito pouco na balança de qualquer eleição parlamentar normal.<sup>10</sup>

Já em julho, com o bolchevismo relegado mais uma vez à clandestinidade, houve um aumento significativo da adesão de novos filiados, chegando a 240.000 filiados, “três vezes mais do que em abril”<sup>11</sup>.

No que concerne ao pensamento bolchevique em relação às nacionalidades, podemos destacar algumas ideias principais: inicialmente, os bolcheviques afirmavam que todo país que quisesse se libertar da Rússia poderia fazer de forma voluntária e de constituir um Estado independente. Isso no ponto de vista de um acordo voluntário dos povos em busca de uma “abolição das barreiras que separavam as nações”<sup>12</sup>. Este acordo deveria ser em prol da formação da futura sociedade socialista. Este era o argumento de Stalin<sup>13</sup> em 1913, apoiado por Lênin<sup>14</sup> até então. Para podermos ver melhor este ponto de vista, procuro demonstrar uma resolução feita em maio de 1917 sobre a questão nacional:

---

<sup>10</sup> DEUTSCHER, Isaac. Stalin - A história de uma tirania, Volume 1. V – 1917. Página 129. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1970.

<sup>11</sup> Ibid, pg 137.

<sup>12</sup> Ibid, VI, pg 163.

<sup>13</sup> Joseph Vissarionovitch Djughashvili (1878 - 1953). Djughashvili, conhecido mundialmente pela alcunha de Stalin, foi um político, teórico e estadista georgiano que se tornou Secretário-Geral do Partido Comunista russo em 1922. Nascido na Geórgia do Século XIX, Stalin estudou parte de sua juventude no seminário quando foi expulso por criar reuniões em torno do debate marxista. Considerado um dos membros mais antigos do bolchevismo, Stalin foi nomeado Comissário das Nacionalidades com a vitória dos bolcheviques em outubro de 1917, galgando, progressivamente, o poder, até se tornar Secretário-Geral. Sua política como chefe de Estado se baseou na industrialização pesada da Rússia e a coletivização dos campos. Em torno de sua pessoa reside polêmica, pois durante seu governo - que durou até a sua morte -, Stalin perseguiu a oposição no seio do Partido, com o caso mais conhecido de perseguição da ala da esquerda, liderada por Leon Trótski (1879 - 1940). Stalin morreu em março de 1953, e com sua morte sobe ao poder Nikita Kruschov, uma das lideranças na II Guerra Mundial.

<sup>14</sup> Vladimir Illitch Ulianov (1870 - 1924). Lênin foi um político, filósofo, teórico marxista e estadista russo que liderou a facção bolchevique no processo da Revolução Russa de 1917. Viveu parte da sua vida no exílio devido à perseguição e censura czarista, escrevendo panfletos e organizando o debate teórico revolucionário na Rússia a partir dos jornais *Izvestia* e o *Pravda*. É reconhecido mundialmente como uma das grandes - se não a maior - liderança de esquerda de todos os tempos. À época da I Guerra Mundial (1914 - 1918), Lênin defendeu que a guerra era de essência imperialista, portanto a Rússia deveria sair da guerra e iniciar sua revolução interna. Vladimir Ilitch é reconhecido por ser um teórico marxista que acrescentou, de forma decisiva, para o materialismo histórico enquanto ciência. Suas obras mais conhecidas são O Estado e a Revolução (1917) e O que fazer? (1902). Foi o Secretário-Geral do Partido Comunista desde a vitória em 1917 até a sua doença se radicalizar, em 1922, quando se retirou para

Deve ser reconhecido a todas as nações componentes da Rússia o direito de separar-se livremente e formar Estados independentes. A negação deste direito e a não adoção de medidas destinadas a garantir a sua realização prática equivalem a apoiar a política de conquistas ou anexações. Só o reconhecimento pelo proletariado do direito das nações à separação garante a plena solidariedade dos operários das diferentes nações e permite uma aproximação verdadeiramente democrática das nações.<sup>15</sup>

Há também o seguinte ponto de vista de Lênin em 1913. Vejamos:

O proletariado aceita qualquer tipo de assimilação de povos, com exceção daqueles que se baseiam na coerção ou no privilégio. Por esse motivo, 'o proletariado não pode apoiar qualquer esforço para fortalecer o nacionalismo'. Pelo contrário, só dá apoio àquilo que ajude a extinguir as discriminações nacionais e a derrubar as barreiras entre as nações, a tudo que possa tornar mais estreitos os laços entre as nacionalidades (...)<sup>16</sup>

Os bolcheviques continuariam nessa linha até a tomada do poder em outubro. No livro de Trótski<sup>17</sup>, o autor afirma que até o regresso de Lênin, em abril de 1917, o ponto de vista sobre a questão nacional ser “confusa e hesitante”<sup>18</sup>. Até então, o Partido seguia a linha defendida por Stalin no seu escrito “o marxismo e a questão nacional” que, apesar de sofrer mudanças com a vitória bolchevique, permaneceu igual até os dias de outubro de 1917. Este pensamento constituía, em linhas gerais, da seguinte forma: os países que sofriam com a opressão czarista tinham o direito de se separar da Rússia; para fazer isso, poderiam se aliar com a burguesia local hostil ao czarismo. A partir do momento

---

Gorki, sua casa de campo. Em janeiro de 1924, após o seu 2º AVC, Lênin morre, enquanto que Stalin e a ala burocrática se consolidam no poder.

<sup>15</sup> Fonte retirada do Arquivo Marxista da Internet. Link disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/05/16-02.htm> acessado em 05/06/2019.

<sup>16</sup> GOODMAN, Elliot R apud Pg 66, 1965.

<sup>17</sup> Liev Dadidovich Bronstein (1879 - 1940). Dadidovich, conhecido mundialmente por Trótsky, foi um político, teórico marxista e liderança bolchevique na Revolução Russa de 1917. Inicialmente filiado à facção menchevique no decorrer de 1917, Trótsky em julho aderiu ao bolchevismo e torna-se uma das principais lideranças na política soviética. Inicialmente Comissário de Assuntos Exteriores da Rússia, Dadidovich torna-se Comissário da Guerra a partir da Guerra Civil Russa (1918 - 1921) . Em 1918, é encarregado de representar a Rússia no Tratado de Brest-Litovsk, tratado pelo qual a Rússia sai do I Guerra Mundial. Uma das grandes contribuições de Trótsky para o marxismo e, mais especificamente, para a teoria bolchevista, é a teoria do desenvolvimento desigual e combinado. Com a doença de Lênin em 1922, o Partido Comunista começa a ter uma cisão interna e Trótsky funda a chamada "ala de esquerda", em contraposição a "ala da direita" ou "ala burocrática", encabeçada por Stalin. A principal discordância entre as alas, inicialmente, foi a do rumo a ser tomado pela Revolução. Enquanto que a ala de esquerda defendia a resposta do Ocidente, ou seja, a explosão revolucionária nos países avançados (Alemanha e Inglaterra), o que resultaria na revolução mundial; a ala burocrática defendia a criação e fortalecimento do Estado soviético enquanto país e, a partir de 1923, o surgimento da teoria do "Socialismo num só país", defendida por Stalin. Esta cisão do Partido não se limitou ao contexto soviético, mas em toda a teorização do comunismo e da esquerda ao redor do globo. Demos um exemplo: na Guerra Civil Espanhola (1936 - 1939), havia o Partido Comunista alinhado ao Kremlin e o POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista), alinhado com Trótsky. Trótsky foi expulso da URSS em 1929 e passou para o exílio. Sua última residência foi no México de 1937 a 1940, onde, em 1940, foi assassinado por um espião soviético de nome Ramon Mercader.

<sup>18</sup> Cf TROTSKY, p. 748 - 749.

que havia esta aliança, poderia haver algum levante revolucionário ou não, dependia do grau de desenvolvimento político e social de cada região. De acordo com Eric Hobsbawm, com o fenômeno da Revolução Russa os marxistas se preocupavam como se dariam essas independências. A principal preocupação vai ao encontro deste ponto de vista bolchevique, da possível aliança entre o proletariado e a burguesia local:

(...) o problema que mais preocupava os marxistas era a relação de classes (inclusive aquelas que deveriam se engajar na luta de classes, como da burguesia e do proletariado em um país colonial) dentro do amplo movimento antiimperialista pela libertação nacional e social.<sup>19</sup>

Verificamos, ainda, em um panfleto de Lênin também de maio de 1917 sobre a Ucrânia, esta posição anterior dos bolcheviques frente à questão nacional:

Nós não podemos ser a favor da existência de estados pequenos. Nós defendemos a mais próxima união dos trabalhadores do mundo contra "seus próprios" capitalistas e aqueles de todos os outros países. Mas para essa união ser voluntária, o trabalhador Russo que, no momento, não confia em nada na burguesia Russa ou Ucrâniana, agora defende o direito dos ucranianos de se separar, sem impor sua amizade sobre eles, mas empenhando-se em ganhar sua amizade tratando-os como igual, um aliado e irmão na luta pelo socialismo.<sup>20</sup>

Essa desconfiança que Lênin argumenta do trabalhador russo com a burguesia ucraniana pode ser considerada como uma desconfiança étnica. Essa desconfiança baseava-se, em primeiro lugar, devido a heterogeneidade de populações que a Rússia abrigava e das políticas anteriores do império russo com essas nacionalidades. Aqui Lênin fala da desconfiança russa com os ucranianos, mas existiam desconfianças em ambos os lados. A Ucrânia na época do czarismo sofreu com a política da russificação. A russificação era, em primeiro lugar, uma política de anexação para garantir as fronteiras do Estado russo. Em segundo, permitia ao Império o aumento da hegemonia russa frente às outras etnias. Surge, assim, aquilo que veio a se chamar o "cidadão grão-russo". Vamos ver um trecho sobre a política da russificação:

Esses 'nacionalismos oficiais' podem ser explicados como uma maneira de combinar a naturalização e a manutenção do poder dinástico, em especial sobre os imensos domínios políglotas amealhados desde a Idade Média (...). Assim, a 'russificação' do conjunto heterogêneo de súditos do czar

---

<sup>19</sup> HOBBSAWM, Eric. Nações e Nacionalismos desde 1780. V - O apogeu do nacionalismo: 1918 - 1950. Pg 180. 5ª Ed, São Paulo: Paz e Terra, 2008.

<sup>20</sup> Fonte retirada do *Marxist Internet Archive* Link disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1917/jun/28.htm> acessado em 05/06/2019.

Original: We do not favour the existence of small states. We stand for the closest union of the workers of the world against "their own" capitalists and those of all other countries. But for this union to be voluntary, the Russian worker, who does not for a moment trust The Russian or the Ukrainian bourgeoisie in anything, now stands for the right of the Ukrainians to secede, without imposing his friendship upon them, but striving to win their friendship by treating them as an equal, as an ally and brother in the struggle for socialism.

representava uma solda violenta e consciente de duas ordens políticas opostas, uma antiga, outra totalmente nova.<sup>21</sup>

Essa política de russificação não é algo isolado nas políticas internas russas. Na criação do Império Austro-Húngaro, o imperador procurava centralizar a língua alemã como língua oficial, mas assim atritava com os húngaros.<sup>22</sup> Na Rússia czarista também havia este dilema, e o considero ainda maior, devido à quantidade gigantesca de populações periféricas. Seguindo essa política de russificação, os cidadãos russos eram postos como principal etnia russa, embora, como veremos, eram apenas 46% da população total no contexto da Revolução Russa:

Ao mesmo tempo, seria um grande equívoco pensar que a russificação, por ser uma política dinástica, não teria atingido suas principais finalidades - dispor um crescente nacionalismo 'grão-russo' na retaguarda do trono.<sup>23</sup>

Isso é um resultado dessa política, levada a cabo especialmente no reinado do czar Alexandre III. A forma mais eficaz de impor a soberania russa era o do ensino obrigatório do russo nas escolas. Vejamos:

Foi apenas sob o reinado de Alexandre III que a russificação se tornou uma política dinástica oficial: muito depois do surgimento do nacionalismo ucraniano, finlandês, leto e outros dentro do império. (...) Em 1887, nas províncias bálticas, o russo se tornou a língua obrigatória de ensino em todas as escolas públicas (...).<sup>24</sup>

Esse caráter opressor da política da russificação não somente refletia a impossibilidade de uma "unificação" pela língua russa, mas também o surgimento de pequenos nacionalismos periféricos. A diferença não se limitava somente a cidade em relação ao campo. Havia, na Rússia, o que chamo de "diferença do campo para o campo". E explicarei: dentro da Ucrânia havia o campesinato que, como veremos, era mais avançado do que o próprio operariado ucraniano; todavia, na Rússia, na região da Ásia Central - como é argumentado por Trótski -, o nível de consciência camponesa era baixíssimo, não chegando a ter reivindicações nacionais. Estavam muito ligados à religião, diferentemente dos camponeses ucranianos, que já se organizavam nos Soviotes desde meados de 1917. A política da russificação vinha no intuito de impor uma língua oficial e uma cultura "superior"<sup>25</sup>. Esta cultura oprimia as populações menores, especialmente os camponeses. Vejamos o que diz Leon Trótski:

---

<sup>21</sup> Ibid, ANDERSON, Pp 130 - 131.

<sup>22</sup> Ibid, Pg 129.

<sup>23</sup> Ibid, pg 132.

<sup>24</sup> Op. Cit, pg 132.

<sup>25</sup> É importante ressaltar aqui que o termo "cultura superior" não está sendo empregado aqui como fator adjetivo. Assim como no livro Um Mapa da Questão Nacional, Ernest Gellner aplica este termo para expor a política educacional no Estado moderno. O monopólio da educação pelo Estado é essencial para legitimar uma determinada classe ou etnia no poder, fixando uma língua oficial nas escolas e no aparelho administrativo. Essa cultura "superior" é, na verdade, a cultura de quem está governando.

As ávidas exigências do Estado e a exigência da base camponesa sob as classes dominantes, engendraram as mais ferozes formas de exploração. A opressão nacional era, na Rússia, infinitamente mais brutal que nos Estados vizinhos, não apenas os da fronteira ocidental mas também os da fronteira oriental. O grande número de nações lesadas em seus direitos e a acuidade da situação jurídica dessas nações proporcionavam ao problema nacional da Rússia czarista uma força explosiva enorme.<sup>26</sup>

Segundo Ernest Gellner, apesar de que nas sociedades pré-industriais o nacionalismo não aparecer de forma consolidada, podemos verificar na questão da língua uma de suas principais bases. Impondo-se uma língua oficial no aparelho administrativo, eleva-se o cidadão que a possui como língua materna a uma participação ativa no Estado. Vejamos:

(...) A diferenciação linguística e cultural pode ser usada para distinguir (...) uma participação mais geral, digamos, na classe administrativo-militar dominante. Assim, na medida em que a língua é um símbolo da unidade política controlada por esta classe, podemos ter ocasionalmente ter algo que, pelo menos superficialmente, assemelha-se ao nacionalismo moderno.<sup>27</sup>

Otto Bauer afirma que o capitalismo estabelece uma diferença entre a classe que pode usufruir dessa cultura e a classe que, mesmo se escolarizando, não pode. Ou seja, o argumento de Bauer segue o de Marx ao afirmar que o capitalismo cria os antagonismos de classe. Neste caso, o sistema educacional serviria para a alfabetização apenas e não a formação de um cidadão completo:

O capitalismo inibe a evolução do povo inteiro na direção de uma comunidade de cultura nacional não apenas através da exploração em si, mas também através da necessidade de defender essa exploração. Ele, de fato, construiu escolas primárias, tanto quanto elas lhe foram necessárias, mas se abstém de criar um autêntico ensino nacional que dê às massas plena posse da cultura intelectual.<sup>28</sup>

Na última passagem de Lênin podemos ver a ideia de união de todos os trabalhadores em busca da luta pelo socialismo, ideia que seria maturada a partir de 1918. Neste trecho também notamos o que afirmei anteriormente. Lênin defendia que os trabalhadores russos deviam apoiar o direito dos ucranianos de se separar. Portanto, a afirmação de Trótski sobre uma posição “confusa” no que se refere a questão nacional está equivocada! Um aspecto a ser levado em consideração é que antes da revolução Lênin defendia uma autodeterminação das repúblicas baseado em uma visão supraétnica

---

Assim como vimos, na Rússia, com a russificação, o cidadão grão-russo se tornou a etnia mais importante do Império, embora não fosse maioria.

<sup>26</sup> Ibid, TROTSKY, Pg 737.

<sup>27</sup> Um mapa da questão nacional. Org: BALAKRISHNAN, Gopal. Introdução: ANDERSON, Benedict. GELLNER, Ernest. Capítulo 4. O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe. Pg 114. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

<sup>28</sup> BAUER, Otto et al, capítulo 2: A nação, pg 52, 2000.

de união, ou seja, a autodeterminação de uma região ou a criação de uma república autônoma se daria pela classe e não pela etnia. Entretanto, no contexto anterior a Outubro, a identidade de em determinados povos era algo "estranho", pois misturava um sentimento nacional com a religião local, como é o caso dos letãos; ou a identidade se mesclava com as próprias tradições locais, como a língua materna, no caso dos georgianos<sup>29</sup>. Esse argumento foi uma das bases do pensamento pré-revolucionário dos bolcheviques. A chamada "solução proletária", cunhada por Ronald Suny, seria o Estado centralizado nos soviets tendo as repúblicas autônomas com um governo local sem diferenciação étnica. Podendo ter, livremente, a manutenção da cultura local e da língua materna:

Os leninistas preferiram a autonomia regional, na qual as unidades políticas não teriam designações étnicas. A solução proletária para a questão nacional preservaria a unidade do Estado e, ao mesmo tempo, permitiria o autogoverno local, garantindo a completa liberdade cultural e linguística no interior do Estado socialista.<sup>30</sup>

A partir de 1918 os bolcheviques mudam de ponto de vista e adotam o princípio do federalismo. Com o federalismo, a ideia de separação também muda, com a adoção da ideia de propulsão revolucionária do operariado, divorciado da burguesia local. Sobre o federalismo:

A Federação, sustentava Lênin, era a forma avançada para a completa unidade dos trabalhadores dos diferentes países. A Federação já tinha mostrado a sua utilidade na prática nas relações da RSFSR com outras repúblicas soviéticas. (...) Era essencial trabalhar por uma união federativa mais firme, tanto política quanto economicamente,<sup>31</sup>

Se a vontade do proletariado fosse se separar da Rússia por um viés nacional, os bolcheviques apoiariam; se fosse uma independência que se unisse ao Partido rumo ao socialismo, melhor ainda. Esta segunda ideia de independência era o ponto de vista bolchevique posterior à revolução. No que diz respeito a este aspecto, vejamos o seguinte trecho de Isaac Deustcher:

Os líderes bolchevistas esperavam que as nacionalidades não-russas seguissem o exemplo da Rússia e empreendessem suas próprias revoluções; e que, obtido o direito de divórcio, resolvessem reunir-se à Rússia numa livre união de nações socialistas.<sup>32</sup>

Embora existisse essa crença do empreendimento revolucionário independente em cada região, é necessário dizer que, segundo Ernest Gellner, o surgimento das "nações" ou o surgimento de uma ideia de "nacionalidade" se dá pelo fenômeno da industrialização. As populações que circundavam a Rússia, conforme iremos ver, possuíam diferentes graus de desenvolvimento, e nem mesmo a Rússia possuía uma indústria forte. Com a

---

<sup>29</sup> SUNY, R. A Revolução de Outubro e o problema das nacionalidades. Pg 43. In: Estudos Avançados, v. 12, nº 32, Pp 37-56, 1º abr, 1998.

<sup>30</sup> Ibid, pg 43.

<sup>31</sup> Ibid, pg 49.

<sup>32</sup> Ibid, DEUTSCHER, I. Pg 164.

industrialização surge o Estado centralizado, de acordo com Gellner, e assim fica mais propício o surgimento dos nacionalismos:

O nacionalismo moderno é um fenômeno vinculado à emergência da sociedade industrial. A sociedade industrial é sempre centralizada. Na maioria das vezes, mas nem sempre, ela substitui as sociedades agrárias. (...) A centralização da sociedade industrial não é opcional, e é mais completa e penetrante, tanto no que diz respeito à qualidade como o território. Isso é um ponto importante para que se possa compreender o nacionalismo.<sup>33</sup>

A segunda ideia principal é debatida por Trótski no livro "A História da Revolução Russa", onde ele afirma que o bolchevismo lutava contra o nacionalismo que fazia o operariado se dividir, defendendo uma união das populações em torno dos operários. Vejamos:

(...) O bolchevismo aplicava o mais rigoroso centralismo, lutando implacavelmente, contra todo contágio de nacionalismo susceptível de opor os operários uns aos outros ou de dividi-los. (...) o bolchevismo julgava (...) que a tarefa (...) era a de unir (...) o mais estreitamente possível (...) os trabalhadores de diversas nacionalidades em um todo único.<sup>34</sup>

Dentro deste ponto de vista poderia haver a opressão nacional de um povo sobre outro, aspecto pelo qual os bolcheviques eram contra. Defendiam que a união dos trabalhadores e camponeses deveria ser, portanto, supranacional, evitando conflitos entre eles:

[ O Partido] Obrigava-se, somente, a resistir, com intransigência, a quaisquer espécies de opressão nacional e, entre elas, de reter pela força tal ou qual nacionalidade dentro dos limites de um Estado comum.<sup>35</sup>

A terceira ideia principal dos bolcheviques em relação à questão nacional é a do desenvolvimento histórico de cada país ou de cada região. Esta ideia surge devido ao contexto da guerra civil russa onde a Rússia perdia territórios importantes nas mãos da contrarrevolução. Dentro do Partido havia a discussão entre a necessidade de anexar essas regiões para preservá-las do ataque estrangeiro ou esperar e verificar o grau de desenvolvimento de cada região. A primeira ideia foi defendida por Bukhárin; a segunda foi defendida por Lênin. É importante ressaltar que neste aspecto de diferentes graus de desenvolvimento, Lênin propõe que algumas regiões - tais como a Polônia - já possuíam um grau de consciência e desenvolvimento político e social que criam condições de iniciar um processo revolucionário, o que ele chama de "estágios de transição do medievalismo para a democracia burguesa e da democracia burguesa para a democracia proletária". Por exemplo, havia populações dentro do território russo que estavam muito ligadas à tradição muçulmana, o que Lênin chama de "tradição dos *Mullahs*"; havia outras que ainda disputavam por hegemonia no que se refere à língua; outros que não haviam se organizado plenamente entre os Sovietes e possuíam uma

---

<sup>33</sup> Ibid, GELLNER, E. Pg 75.

<sup>34</sup> Ibid, TROTSKY, pg 738.

<sup>35</sup> Ibid, pg 737.

ligação mais forte com a burguesia local etc. Vou, então, demonstrar trechos deste ponto de vista de Lênin:

Nós temos Basquírios, Quirguizes e um número de outros povos, e para estes nós não podemos negar reconhecimento. Nós não podemos negar isso a nenhum dos povos dentro das fronteiras do antigo Império Russo. (...) (...) Todas as nações têm o direito de autodeterminação - não há necessidade de falar especificamente dos Cóis (*Hottentots*) ou do Povo San (*Bushmen*). (...) Para rejeitar a autodeterminação das nações e inserir a autodeterminação do povo trabalhador seria absolutamente equivocado, porque esta maneira de lidar com a questão não conta com as dificuldades, com o *zigzag* do curso tomado pela diferenciação em relação às nações.<sup>36</sup>

Esta heterogeneidade de populações ao redor da Rússia e seus diferentes graus de desenvolvimento podem ser conferidas no livro de Isaac Deutscher:

De seus cento e quarenta milhões de habitantes, sessenta e cinco milhões não eram de nacionalidade russa. Representavam todos os níveis imagináveis de civilização, desde o sistema de vida semi-europeu dos ucranianos à existência primitiva e tribal de vinte e cinco milhões de pastores turcomanos, bielorrussos, tártaros, armênios, georgianos, azerbeidjanos, (...) e milhares de outros sem nomes nas línguas ocidentais achavam-se nas inúmeras fases intermediárias entre a comunidade tribal e a sociedade moderna.<sup>37</sup>

Não somente havia esta heterogeneidade, como também havia a pouca representatividade de outros povos nos Partidos Comunistas regionais. No livro de Elliot R. Goodman o autor aborda esta pequena parcela de representantes não-russos. Vejamos:

Por volta de 1922, apenas 24% do Partido Comunista da Ucrânia era constituído de ucranianos e somente 21% do Partido Comunista da Bielorrússia era de bielorrussos. (...) Realizava Lenine a difícil tarefa de congregar estreitamente diversos

---

<sup>36</sup> Fonte retirada do *Marxist Internet Archive*. Link disponível: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1919/rcp8th/03.htm> acessado em 05/06/2019.

Original: (...) We have Bashkirs, Kirghiz and a number of other peoples, and to these we cannot deny recognition. We cannot deny it to a single one of the peoples living within the boundaries of the former Russian Empire. (...) All nations have the right to self-determination — there is no need to speak specially of the Hottentots and the Bushmen. (...) To reject the self-determination of nations and insert the self-determination of the working people would be absolutely wrong, because this manner of settling the question does not reckon with the difficulties, with the zigzag course taken by differentiation within nations.

<sup>37</sup> DEUTSCHER, op cit., pg 205.

povos não russos, que anteriormente haviam sido jogados uns contra os outros, pela política czarista de russificação.<sup>38</sup>

Stalin, como Comissário das Nacionalidades, não poderia fazer muito no que se refere a manter o controle de regiões centrais da Rússia, visto que as decisões eram tomadas em conjunto no *Politburo*, a partir de debates entre as principais lideranças tais como Lênin, Bukhárin, Trótski, Stalin em pessoa, Sverdlov, entre outros. Em seu pensamento, Stalin teve a ideia de, enquanto não se resolver de forma mais decisiva a guerra civil e que as regiões voltassem à mão soviética, o melhor a se fazer era tentar trazer ou “convidar” as tribos atrasadas que viviam ao redor da Rússia e na Ásia:

Por algum tempo, Stalin voltou a atenção para as tribos atrasadas, não civilizadas, que habitavam o leste da Rússia, a fronteira entre a Europa e a Ásia. Trazer essas tribos para dentro do arcabouço dos Sovietes era, sob certos aspectos, muito mais fácil, e sob outros muito mais difícil, do que sovieterizar as nacionalidades mais adiantadas da orla ocidental da Rússia.<sup>39</sup>

Quando diz respeito à heterogeneidade populacional, é possível afirmar que este trabalho de Stalin veio para centralizar as populações periféricas em torno da Revolução. Esta centralização, conforme aponta Deutscher, nada mais é do que o reflexo das revoluções nas sociedades modernas. E uma das características essenciais de uma revolução é o rompimento de um paradigma: seja a tradição, seja o território, seja a consciência. Estamos vendo que uma das bases do nacionalismo é a junção entre a modernização e a centralização pelo Estado. Neste aspecto é importante expor um dos argumentos de Friedrich Nietzsche sobre o nacionalismo:

As diferenças nacionais, lá onde elas se encontram, não são absolutamente mais do que se viu até agora, senão as diferenças de diversos níveis de cultura, e somente a parte mais ínfima dela é algo de permanente. (...) Quando um povo vai adiante e cresce, ele sempre faz romper o espartilho no qual até então encerrava o seu prestígio nacional; ele fica estacionário, morre, um novo espartilho se fecha em volta da sua alma;<sup>40</sup>

A passagem acima vai ao encontro do argumento defendido por Benedict Anderson. Para Anderson, o surgimento dos nacionalismos oficiais é a reivindicação de uma língua oficial para, assim, centralizar e autenticar o Estado. Autenticando esse Estado, surgem as fissuras étnicas, onde uma etnia se sobrepõe às outras e se torna a governante. Como estamos vendo na pesquisa, esta fissura étnica surgiu tanto na Rússia czarista quanto no Império Austro-Húngaro. No primeiro caso houve a imposição da cultura e língua russa sobre as populações periféricas; no segundo ocorreu o atrito entre os alemães e os húngaros no embate de qual seria a língua oficial.

---

<sup>38</sup> Ibid, GOODMAN, pg 79.

<sup>39</sup> DEUTSCHER, op cit., pg 174.

<sup>40</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Escritos sobre política: a pequena e a grande política - Volume II. Pg 189. Edição PUC-Rio. São Paulo: Loyola, 2007.

Na Ucrânia havia uma disparidade entre o campo e a cidade, onde no campo existiam setores mais progressistas. É afirmado que a luta nacional já era uma característica forte entre os ucranianos, sendo assim, “a luta pela emancipação nacional, pelo menos durante algum tempo, entrava as outras formas de luta social.”<sup>41</sup>

O fenômeno do nacionalismo, para Benedict Anderson, surge com a "convergência do capitalismo e da tecnologia de imprensa sobre a fatal diversidade da linguagem humana"<sup>42</sup>; acrescentamos que não somente a tecnologia de imprensa, mas a tecnologia industrial, como é defendido em Gellner. As características de um Estado nacionalista são essas: monopólio estatal da educação, monopólio da violência, reescrita oficial da história do país, militarismo e a propaganda.<sup>43</sup> Com esta centralização ocorre a complexificação da sociedade, transformando a psicologia dos camponeses e operários. Otto Bauer afirma que essa psicologia se transforma a partir do momento do sistema escolar universal, indo ao encontro do argumento de Gellner:

Essas transformações psicológicas, produzidas pelo sistema capitalista, alteraram todo o nosso sistema de ensino. Elas próprias, por sua vez, não teriam sido possíveis sem o desenvolvimento deste sistema, para começar. A educação tornou-se um instrumento necessário ao desenvolvimento: o capitalismo moderno precisava de um nível mais alto de formação da população, já que, sem isso, a complexa administração dos negócios em larga escala seria impossível;<sup>44</sup>

Esse fenômeno do Estado centralizado cria tendências desiguais, visto que ao mesmo tempo que no meio urbano ocorre o progresso cultural e econômico, no meio rural o desenvolvimento se dá de forma mais lenta. Todavia, no contexto da Revolução Russa a Ucrânia apresentava um campesinato mais progressista, como dito acima, e um operariado pequeno, em formação. Portanto, temos uma contradição. Vejamos, na obra de Edward Carr, o campesinato ucraniano:

O campesinato ucraniano não só era a vasta maioria da população como constituía a única parte que tinha atrás de si uma longa tradição. Os seus rancores sociais e econômicos - sempre a base do nacionalismo camponês - dirigiam-se contra os proprietários de terra, predominantemente polacos, (...), russos, e contra os comerciantes e usurários, quase exclusivamente judeus. (...) A situação complicava-se pela falta de um proletariado ucraniano indígena. Os novos centros industriais, que se tornaram cada vez mais importantes depois do dobrar do século, eram povoados (...) por imigrantes do Norte, tanto operários como administradores; (...) Em toda a Rússia, a força dos bolcheviques residia na população urbana e nos trabalhadores da

---

<sup>41</sup> Ibid, TROTSKY, pg 710.

<sup>42</sup> Ibid, ANDERSON, Pg 82.

<sup>43</sup> Ibid, ANDERSON, Capítulo 5, pg 150.

<sup>44</sup> BAUER, Otto et al, capítulo 2: A nação, pg 50, 2000.

indústria. Na Ucrânia, estes grupos eram não só fracos em número (...) como predominantemente grão-russos.<sup>45</sup>

Segundo Beatrice e Sidney Webb, os ucranianos mantinham, até metade do Século XIX, Kiev como seu principal centro cultural, centro este que preservava a tradição popular. Com a política de russificação, a mistura de culturas da Rússia com as das regiões anexadas levava a movimentações nacionais contra a dominação russa:

Conquanto essas tradições tenham sido interrompidas, durante séculos, pela tirania czarista, foi bastante uma incitação (...) visando a implantação de uma República Ucraniana independente.<sup>46</sup>

A Rússia anterior a Revolução ainda possuía uma lógica extremamente feudal e patriarcal, muito ligada à herança da Igreja Ortodoxa. Essa tradição da ortodoxia cristã era muito forte nas regiões mais afastadas, tais como a Sibéria. Segundo Trótski, nessas regiões e com este atraso não havia reivindicação, como vimos anteriormente:

Aos alógenos siberianos, esmagados pelas condições naturais e pela exploração, o estado primitivo deles, econômico e cultural, não permitia que se elevassem ao nível onde principiam as reivindicações nacionais. O Vodka, o fisco, e a ortodoxia forçada, eram, há séculos, as alavancas principais do poder do Estado.<sup>47</sup>

Esta característica do isolamento geográfico é o que leva, por vezes, ao isolamento político. Como estamos vendo, a questão camponesa para os bolcheviques era tão levada em conta quanto a questão operária. Em Ernest Gellner podemos verificar esse fator do isolamento geográfico:

Nas comunidades camponesas iletradas, os dialetos costumam variar de um vilarejo para o outro. O estilo de vida isolado estimula uma espécie de distanciamento cultural e linguístico (...).<sup>48</sup>

O fenômeno da criação e organização dos Sovietes como base para a Revolução pode ser considerado como um fenômeno, em princípio, nacional. Por que? Porque os Sovietes se organizavam regionalmente e, com o transcorrer revolucionário, atingiam níveis geográficos maiores. O Soviet era uma parcela da população que, organizada, propunha suas reivindicações. No seio do Soviet estavam soldados, camponeses e operários. Como vimos, a diferenciação socioeconômica nas regiões russas sempre foi uma "ordem do dia". Irei exemplificar como funcionava esta diferenciação e a lógica dos Sovietes: um Soviet camponês organizado na Ucrânia possuía um viés muito mais

---

<sup>45</sup> CARR, Edward H. História da Rússia soviética: a revolução bolchevique 1917 - 1923, 1º Volume. Pp. 325 - 326. Afrontamento: Lisboa, 1977.

<sup>46</sup> WEBB, Sidney; WEBB, Beatrice. URSS - Uma Nova Civilização 1º Volume. Capítulo II – O homem como cidadão. Página 112. Rio de Janeiro: Calvino LTDA, 1938.

<sup>47</sup> TROTSKY, op cit., pg 744.

<sup>48</sup> GELLNER, Ernest et al, capítulo 4: O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe, pg 113, 2000.

nacional do que um Soviet organizado em São Petersburgo. No Soviet ucraniano, as reivindicações se dariam muito mais pela independência ucraniana do jugo russo, ou teriam reivindicações favoráveis ao camponês baixo e médio, do que em São Petersburgo. No outro Soviet, digamos, formado mais pela presença operária, a reivindicação bolchevique estaria muito mais familiarizada do que alguma reivindicação nacional. Este é um aspecto importante para entender o fator complexo da Revolução Russa. Como diz John Reed em seu clássico livro, a Revolução Russa se dava em diferentes graus devido as suas diferentes regiões. De uma forma mais radical em uma região - Moscou, por exemplo - e de uma forma mais lenta, em outra - na Sibéria. Em Leon Trótski, verificamos a heterogeneidade dos Sovietes. Não somente a heterogeneidade de nacionalidades, como uma gama de interesses diversos. Podemos ver, também, as ambições internas dos Sovietes urbanos ignorando as reivindicações dos povos considerados atrasados:

A heterogeneidade nacional entre a cidade e a aldeia fazia-se sentir, também, dolorosamente, nos Sovietes, na qualidade de organização sobretudo urbana. Sob a direção dos partidos conciliadores, os soviets afetavam, constantemente, ignorar os interesses nacionais da população autóctone. E nisto residia uma das causas da fraqueza dos Sovietes na Ucrânia. Os soviets de Riga e do Reval esqueciam dos interesses dos letões e dos estonianos. O Soviete conciliador de Baku negligenciava os interesses de uma população principalmente turcomana. Sob uma falsa divisa de internacionalismo, os Sovietes tratavam, frequentemente, luta contra a defesa nacionalista ucraniana ou muçulmana, camuflando a russificação opressiva exercida pelas cidades.<sup>49</sup>

Este fenômeno do Soviet pode ser encarado como algo criado a partir da Revolução Russa; e também como uma consequência das sociedades modernas do Século XX. E afirmo isso porque boa parte da organização dos Sovietes se dava pelo compartilhamento de panfletos e matérias jornalísticas que serviam como base para o debate teórico no seio do Soviet. Sobre o que era e qual o poder emanado dos Sovietes, vejamos um trecho de Isaac Deutscher:

Os componentes do Soviete eram eleitos nas fábricas, nas oficinas e, mais tarde, também nos quartéis alojados na capital. De maneira análoga fundaram-se soviets nas maiores cidades russas e, posteriormente, até no interior. (...) Eram "parlamentos populares", *par excellence*, dos quais as classes superiores estavam por definição excluídas. Na ausência de quaisquer instituições parlamentares, eram órgãos mais amplos e mais representativos que a Rússia possuía em 1917. (...) O Soviete tinha suas ordens acatadas nas fábricas, estações ferroviárias, correios e regimentos. Desde os primeiros momentos o Governo Provisório viu-se impossibilitado de impor qualquer decisão que não contasse com a aprovação dos líderes do Soviete de Petersburgo. (...) O conflito, às vezes latente, às vezes declarado, entre os dois, caracterizava todo o transcorrer da revolução.<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Ibid, TROTSKY, pg 744.

<sup>50</sup> Ibid, DEUTSCHER, V, p. 117 - 118.

E dentro desta lógica, as assembleias dos Sovietes se permeavam entre discursos dos representantes das famílias camponesas, dos operários, soldados e marinheiros, com a leitura de artigos do principal jornal que fora base teórica da Revolução Russa, o *Pravda*. Nisso, não somente a leitura, mas a reprodução do *Pravda* pode ser considerado uma consequência das chamadas sociedades modernas, argumentado por Benedict Anderson. E o jornal, junto com os panfletos, foi para a Rússia revolucionária uma das suas principais ferramentas. Isso porque, segundo Anderson, a disseminação textual e da imprensa foi uma das molas propulsoras do vínculo entre as populações que falavam a mesma língua, criando um senso de pertencimento e de identidade:

O que tornou possível imaginar as novas comunidades, num sentido positivo, foi uma interação mais ou menos casual, porém explosiva, entre o modo de produção e de relações de produção (o capitalismo), uma tecnologia de comunicação (a imprensa) e a fatalidade da diversidade linguística humana.<sup>51</sup>

A circulação de jornais, portanto, é considerado como um compartilhamento de uma mesma cultura. No caso da Revolução Russa, o compartilhamento dos jornais e panfletos bolchevistas. E, segundo Ernest Gellner, essa cultura homogênea é um dos reflexos do nacionalismo, embora a Rússia ainda não fosse totalmente industrializada:

Mas, acima de tudo, as regras formais de funcionamento da sociedade, vigentes no trabalho e na política, permitem e sobretudo requerem que seus membros tenham a mesma cultura. O fluxo de informações livres do contexto é necessário ao funcionamento da sociedade em todos os seus aspectos.<sup>52</sup>

Em Otto Bauer nós vemos também, com um maior requinte, essa transformação na comunicação. Segundo o autor, o grau atingido pela comunicação leva aos indivíduos os assuntos nacionais e globais de uma forma muito mais rápida. Assim, onde antes não se debatiam temas da época, agora se é possível pelo jornal; e essa leitura, já com uma língua definida, fortalece a cultura do homem, adicionando novos aspectos ao seu caráter:

A liberdade de associação, de reunião e de imprensa tornou-se o meio de levar as grandes questões da época a cada aldeia camponesa e a cada oficina de trabalho, transformando os grandes assuntos mundiais num destino particular de numa influência cultural efetiva para cada homem. (...) Na individualidade de cada pessoa, essas influências culturais semelhantes efetivaram-se e se enrijeceram no caráter.<sup>53</sup>

Eric Hobsbawm também aborda esse fenômeno das novas tecnologias de imprensa no início do Século XX:

---

<sup>51</sup> Ibid, ANDERSON, pg 78.

<sup>52</sup> GELLNER, Ernest et al, pg 118, 2000.

<sup>53</sup> BAUER, Otto et al, pg 51, 2000.

A identificação nacional nessa era [a partir dos anos 1920] adquiriu novos meios de expressar nas sociedades modernas (...). (...) O surgimento da moderna comunicação de massa: imprensa, cinema e rádio.<sup>54</sup>

Ao mesmo tempo que o Partido tinha que lidar diariamente com o conflito, era necessário, como fez Stalin com determinadas populações, "chamar" os povos mais atrasados para fazer parte do centro bolchevique. Essa ideia, no contexto bélico, talvez fosse para garantir, em primeiro lugar, o não isolamento russo e em segundo um possível exército de reserva revolucionário. Para isso, era preciso que essas populações, longínquas e muitas vezes ainda feudais, pudessem ter acesso a educação, a vestimenta, a comida, a moradia. Não somente essas necessidades, mas também que a política bolchevique frente às diversas nacionalidades, não sofressem um choque muito grande, mas que fosse uma reeducação nas respectivas línguas maternas, que fossem respeitadas as mais antigas tradições para, de uma forma gradual, as populações compreendessem que esse progresso, este desenvolvimento, seria o caminho correto em direção ao socialismo. É defendido também que nestas populações a noção de "revolução", "comunismo", ou até mesmo de "nação", ainda não fazia parte do vocabulário, ou que em decorrência da tradição os povos, já muito acostumados com o seu padre, já muito acostumados com um sistema patriarcal, ou já muito ligados com seus *Mullahs* - como dizia Lênin - ainda não existe. Para isso, não somente a criação de escolas deve ser feita. Segundo Stalin, era necessário que o proletariado se sentisse presente na máquina pública, na administração, na formação de seus respectivos exércitos e respectivas hierarquias militares, que fosse incentivada a cultura local em sua língua local. Esta era uma questão delicada, e em seu escrito Stalin enfatiza essa necessidade nas populações asiáticas. Na Basquíria, no Azerbaijão ou no Quirguistão, por exemplo. Esta necessidade é defendida em um escrito de Stalin em fins de 1920:

Poder soviético deve se tornar algo semelhante e estimado para as massas das regiões fronteiriças da Rússia. Mas isso necessita e deve, em primeiro lugar, se tornar compreensível para elas. É, portanto, necessário que todos os órgãos soviéticos nas regiões fronteiriças - as cortes, a administração, os organismos econômicos, os organismos de autoridade direta (...) devam, o quanto antes possível, serem recrutados pelos povos locais familiarizados com o seu estilo de vida, hábitos, costumes e línguas das populações nativas; que todas as melhores pessoas dessas populações locais devam ser inseridas nessas instituições; que toda a massa trabalhadora deva participar em toda esfera da administração do país, incluindo na formação de unidades militares, para que as massas devam ver que o Poder soviético e seus órgãos são produtos de seus próprios esforços, a personificação de suas próprias aspirações. Somente neste caminho podem ser firmados laços espirituais entre as massas e o Poder soviético, e somente nesse caminho o Poder soviético se torna compreensível e estimado às massas trabalhadoras das regiões fronteiriças..<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> Ibid, HOBSEAWM, pg 170.

<sup>55</sup> Fonte retirada do *Marxist Internet Archive*. Link disponível: <https://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1920/10/10.htm> acessado em 05/06/2019.

Aqui podemos ver mais um ponto de contradição entre o conceito de nacionalismo debatido na pesquisa e a temática. Stalin defendia que era necessário a reeducação gradual para, assim, conscientizar as populações aos novos tempos. Entretanto, para Otto Bauer, toda a cultura, ciência ou arte levada de uma nação para outra não fica imune a adaptações. Sempre quando uma nação adota algo estrangeiro, ocorre inevitavelmente a adaptação ou a modificação. Será, segundo Bauer, adotado de forma mais elaborada. Portanto, a teoria marxista levada às populações asiáticas já sofreria uma adaptação de cima, pelos russos. E, esta adaptação seria readaptada pelas populações em suas respectivas tradições. Vejamos o argumento de Otto Bauer:

Através desse grande componente da apercepção nacional, qualquer ideia que uma nação retire da outra sempre terá que ser adaptada a todo o ser da nação - e alterada por ele - antes de ser adotada. Isso significa que as nações não irão tomar umas das outras uma nova literatura ou arte, uma nova filosofia ou doutrina social. Sempre as adotarão de um modo mais elaborado.<sup>56</sup>

E continua:

(...) Os elementos estrangeiros nunca atuam nos indivíduos com a mesma força que a cultura nacional original. Nunca são adotados sem alteração. No próximo processo de adoção, sofrem uma mudança e uma adaptação à cultura nacional existente.<sup>57</sup>

Esta ideia manifesta uma ideia de comunismo muito ligada ao provincianismo de Stalin, por ser um georgiano nascido em um Geórgia em que algumas áreas ainda eram feudais e servis. E neste escrito de Stalin podemos traçar uma comparação com aquilo que venho debatendo: em Gellner um de seus argumentos é o da alfabetização da população como forma de criar um senso de identidade. Para isso, é necessário que o Estado se encarregue da educação. No escrito de Stalin, é proposto que a melhor forma de criar a noção de pertencimento das populações asiáticas é a da lenta reeducação: que a língua materna, as tradições sejam mantidas e que a administração pública seja reorganizada por essas populações. Ou seja, que a população trabalhadora encabece a máquina administrativa, o exército, as escolas etc. Assim, os resultados positivos, o progresso que for atingido por essas populações, seriam encarados como resultado próprio e, portanto, um avanço do comunismo. Gellner aponta que a educação pelo Estado é um

---

Original: "Soviet power must become just as near and dear to the masses of the border regions of Russia. But this requires that it should first of all become comprehensible to them. It is therefore necessary that all Soviet organs in the border regions—the courts, the administration, the economic bodies, the organs of direct authority (...) should as far as possible be recruited from the local people acquainted with the manner of life, habits, customs and language of the native population; that all the best people from the local masses should be drawn into these institutions; that the local laboring masses should participate in every sphere of administration of the country, including the formation of military units, in order that the masses should see that the Soviet power and its organs are the products of their own efforts, the embodiment of their aspirations. Only in this way can firm spiritual ties be established between the masses and the Soviet power, and only in this way can the Soviet power become comprehensible and dear to the laboring masses of the border regions."

<sup>56</sup> BAUER, Otto et al, pg 56, 2000.

<sup>57</sup> Ibid, pg 61.

aspecto do nacionalismo. Stalin, em 1920, argumentava que essa reeducação era um caminho para o internacionalismo. Segue a passagem de Ernest Gellner:

O treinamento não é mais feito na família, ou numa daquelas linhagens mestre-aprendiz dos artesãos. Tanto a seleção para especialização, quanto o treino em si, estão nas mãos de muito maiores e complexas instituições internamente especializadas, que formam o sistema educativo. O nacionalismo é, essencialmente, a transferência do foco da identidade do homem para uma cultura mediada pela alfabetização e um sistema educativo formal e extenso.<sup>58</sup>

(...) Nós acabamos tendo Estados bem centralizados (...) e apresentando uma cultura homogênea, inculcada ou transmitida através duma importante indústria, a educação, encarregada de duas funções: inculcar aquela cultura e assegurar um padrão adequado de alfabetização e competência técnica (...).<sup>59</sup>

Esta homogeneidade não se mostra presente na população russa e não-russa. Pelo contrário, como vimos, o número de populações circundantes é enorme. Porém, o argumento de Stalin em seu escrito demonstra certa homogeneidade no que se refere ao papel do Estado frente às populações asiáticas. Vai ao encontro do argumento de Gellner, por um lado; por outro não, porque pretendia criar bases para a fundação de uma república soviética autônoma, uma política levada a cabo por Stalin, e tem este aspecto homogeneizante devido à reeducação social. Vemos em Nietzsche também este aspecto da homogeneização da cultura e tradição pelo Estado, levando, por muitas vezes, o "desaparecimento das tradições populares":

É a esse preço justamente que é possível se elevar a um nível supranacional, para os fins universais da humanidade, para o saber profundo, para a compreensão e o gozo do passado para além dos limites da pequena pátria (...).<sup>60</sup>

É claro que, diferentemente do que Nietzsche afirma acima, na política das nacionalidades não era o intuito dos bolcheviques suprimir tradições locais ou até mesmo línguas maternas. Conforme vimos no escrito de Stalin, o principal era a reeducação das nacionalidades e a manutenção das tradições. Porque muitas dessas populações ainda não estavam no estágio que os russos ou os ucranianos se encontravam. O importante de ressaltar, contudo, é justamente este diferente ponto de vista entre Stalin - que dava mais importância ao Oriente - e Trótski, que defendia a base da revolução vinda do Ocidente.

Diferentemente do pensamento de Trótski, por exemplo, que focava mais a ideia de comunismo a partir do Ocidente, Stalin via na Ásia e nas regiões montanhosas uma maior expectativa de sucesso revolucionário. É claro, ele não negava a revolução no Ocidente, pelo contrário. Mas a perspectiva do Comissário das Nacionalidades era não a

---

<sup>58</sup>GELLNER, op cit., pg 77.

<sup>59</sup> Ibid, pg 83.

<sup>60</sup> Ibid, NIETZCHE, pg 188.

de esperar a revolução acontecer no Ocidente para se desencadear uma revolução global; Stalin via que, junto com a Rússia, estas populações (asiáticas, tribais, e das regiões montanhosas) faziam parte do contexto revolucionário e que eram tão importantes quanto o Ocidente. Sobre essa perspectiva "oriental" de Stalin, vejamos:

O homem que crescera entre russos, tártaros, operários persas da indústria petrolífera e camponeses georgianos, na região fronteira entre a Europa e a Ásia, identificava-se intimamente com a corrente "oriental" do bolchevismo. O fato torna-se ainda mais notável porque as duas correntes não eram de modo algum distintas. E nenhum dos líderes, sobretudo Stalin, dava-se conta, então, de qualquer desarmonia latente entre as duas. (...) "De uma vez por todas, é preciso aprender a verdade de que todo aquele que seja o triunfo do socialismo não pode permitir-se esquecer o Oriente".<sup>61</sup>

Neste intuito de focar atenção ao Oriente, é importante destacar o trabalho de Stalin na formação de pequenas repúblicas autônomas, inclusive fazendo comparação ao seu trabalho no início da Revolução Russa:

(...) em 1918 ele deu vida à república autônoma dos bashkirs. Na primavera de 1920 fundou-se a república soviética autônoma dos tártaros. Em outubro do mesmo ano seguiu-se o autogoverno quiguiz. Depois da guerra civil constituiu-se a república do Daguestão, compreendendo uma infinidade de tribos com trinta e seis línguas e dialetos. Os iacutos, carélios, e outros formaram, depois, administrações próprias. (...) No meio a toda miséria material daquele período, o Comissariado concorreu para a instalação de milhares de escolas (...). O tártaro tornou-se língua oficial, em pé de igualdade com o russo. (...) Leis progressistas libertaram as mulheres asiáticas da tirania patriarcal e tribal.<sup>62</sup>

Neste contexto do pensamento bolchevique e das diferentes visões sobre como deveria se dar o estabelecimento da revolução - esperar o Ocidente ou iniciar o desenvolvimento interno? - é que surge a criação da União Soviética. Neste sentido, é importante destacar: o debate dentro do Partido de como se daria a criação da União, como funcionaria sua administração e qual seria seu nome, se deu a partir do momento no qual Lênin já estava doente. E Stalin e seus correligionários estavam, gradualmente, ganhando força com os bolcheviques e com as massas:

O que realmente mudara de maneira crucial na época era a posição pessoal de Stalin no Partido. Depois do primeiro derrame sofrido por Lenin em maio de 1922, Stalin tornou-se na prática o chefe do Comitê Central, e se acostumara a tomar decisões independentes.<sup>63</sup>

É importante ressaltar uma questão antes, no entanto: Stalin é eleito Secretário Geral do Partido após o fim da guerra civil russa. Quando a guerra civil russa termina, já se demonstra dentro do seio do Partido a futura cisão que se deu logo após a morte de Lênin. Já foi por demais estudado em biografias e trabalhos sobre Stalin o porquê desta

---

<sup>61</sup> Ibid, DEUTSCHER, p. 186 - 187.

<sup>62</sup> Ibid, DEUTSCHER, pg 219.

<sup>63</sup> MEDVEDEV, Zhores A. e MEDVEDEV, Roy. A - Um Stalin desconhecido. 13. Stalin como nacionalista russo. Pg 346. Editora Record: Rio de Janeiro, 2006.

cisão, os motivos pessoais envolvidos, as diferentes visões marxistas de cada ala etc. Porém, é necessário frisar que a criação efetiva da União Soviética e o estabelecimento do governo soviético se deu em muito pelo trabalho de Stalin. A partir do momento que ele se torna chefe do Comitê Central, a política bolchevique guina para a recriação das fronteiras da antiga Federação Russa e sua defesa, além da máquina administrativa se solidificar a ponto desta máquina ser a responsável pelo andamento da revolução. Segundo Isaac Deutscher, ocorre o fenômeno da burocratização do Partido e o esvaziamento teórico da revolução. Por um lado, concordo que houve a gradual burocratização do Partido, mas me vejo em dúvidas no que tange ao esvaziamento teórico. Stalin, apesar de não ser um excelente teórico ou um exímio orador, foi desde cedo na facção bolchevique um homem de ação e um dos mais antigos partidários do bolchevismo. Seu trabalho no que se refere a questão nacional marxista foi a opinião dos bolcheviques até às vésperas da Revolução de Outubro e, diferentemente do pensamento de Leon Trótski e da revolução permanente, Stalin possuía uma visão pragmática do andar revolucionário na Rússia e já pressentia uma provável derrota no movimento revolucionário no Ocidente. E tinha um ponto de vista centralista para com a Rússia, via que a melhor forma de União seria com o centro político baseado em Moscou, Leningrado e na Rússia. Este, na verdade, foi a grande discordância entre Lênin e Stalin, diferente de outros versões e hipóteses já levantadas. Lênin via que o centralismo poderia incorrer em um protagonismo russo frente às decisões do Partido, abafando ou diminuindo a importância dos comitês centrais de outras nacionalidades. Lênin defendia que as decisões políticas deveriam ser tomadas a partir de um rodízio de lideranças das diversas nacionalidades para equilibrar os interesses de cada república, junto com a Rússia. Stalin, por outro lado, defendia que a criação da União deveria se dar pela junção da República Soviética Russa com as repúblicas da Ucrânia, Geórgia, Bielorrússia e Armênia. Essas repúblicas estariam em "pé de igualdade" com algumas das repúblicas autônomas já criadas. Então, a União teria o Comitê Executivo Central como principal órgão administrativo; haveria lideranças das nacionalidades de acordo com os tamanhos das populações:

Segundo o projeto de constituição, redigido com considerável contribuição de Stalin, a Ucrânia, a Bielorrússia, a Geórgia, a Armênia e várias outras repúblicas entrariam para a Federação Russa. (...) Cada um desses novos participantes teria exatamente os mesmos direitos que os atuais membros, como as repúblicas da Tartária e da Bashkiria. (...) Os representantes das repúblicas autônomas seriam incluídos no *TsIK* proporcionalmente ao tamanho das populações que representavam.<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> Ibid, MEDVEDEV, p. 348 - 349.

## II. A Guerra Civil

Estabelecerei, a partir de agora, o contexto da guerra civil russa e as mudanças necessárias no quesito teórico e na organização militar soviética frente à agressão do chamado Exército Branco e forças estrangeiras. É preciso frisar que quando estoura a guerra civil russa, o Partido Comunista tem de lidar com os acontecimentos do dia a dia e organizar, em primeiro lugar, a defesa do território russo. Uma das primeiras formas de defender o território e de não se isolar totalmente é a de fazer alianças com lideranças que não se alinhavam com o capitalismo britânico, como veremos a seguir:

Tal esforço levou Lênin e seus camaradas a uma série de peculiares alianças com o caído líder turco Enver Pasha, com o rei Amanullah no Afeganistão, com o rebelde Kuchuk Khan no norte da Pérsia, com Kemal Pasha na Anatólia e com outros nacionalistas não-socialistas.<sup>65</sup>

Essa mudança pode ser traduzida pela afirmação de Deutscher ao dizer que Lênin aconselhava aos bolcheviques que algumas concessões deveriam ser feitas para garantir a sobrevivência da revolução, visto que a agressão estrangeira era muito violenta. Essas concessões que falo são as imposições alemãs feitas sobre o território russo, como é o caso da Ucrânia em abril de 1918.

Lênin fez o possível para convencer seus colegas de que a situação era desesperadora, e para persuadi-los a aceitar a paz. Insistiu ser indispensável curvar-se às imposições do imperialismo alemão para a salvação de sua jovem e não consolidada República.<sup>66</sup>

Este quesito de "curvar-se às imposições do imperialismo alemão" pode ser vista pelo Tratado de Brest-Litovsk assinado em 1918, concedendo parte do território russo, além de terem de reconhecer a independência forçada da Ucrânia.

O tratado de Brest-Litovsk com a Alemanha, assinado pelos bolcheviques em 1918, reconhecia a derrota da Rússia e estabelecia seu desmembramento em termos que tendiam a ignorar as fronteiras étnicas. Nos termos do tratado, a Rússia tinha que reconhecer a independência da Ucrânia, a qual, além dos territórios que historicamente eram ucranianos, também abarcava a Criméia e quatro províncias - Kharkov, Yekaterinoslav, Kherson e Odessa - cujas populações eram majoritariamente russas. (...) <sup>67</sup>

Ainda sobre o Brest-Litovsk, vamos expor o que Elliot Goodman argumenta a respeito:

O Tratado de Brest-Litovsk propiciou a primeira prova principal concreta da legitimidade da asserção de Lenine, de que 'os interesses do socialismo mundial colocavam-se acima dos interesses nacionais, acima dos interesses do Estado'. (...) Lenine insistia que o socialismo mundial só poderia avançar preservando-se o novo Estado na Rússia, mesmo que para isso fosse necessário um tratado aviltante de paz com a Alemanha imperialista.<sup>68</sup>

---

<sup>65</sup> Ibid, SUNY, pg 43.

<sup>66</sup> Ibid, DEUTSCHER, pg 167.

<sup>67</sup> MEDVEDEV, op cit., pg 347.

<sup>68</sup> Ibid, GOODMAN, pg 68.

Um trecho importante de se colocar nesta pesquisa aborda sobre o nascimento da União Soviética em 1922 e a ideia que o surgimento do país criou uma noção do princípio de igualdade entre as nações e colocavam em dúvida o princípio imperialista da opressão nacional. Vejamos:

(...) [a] luta social e luta nacional se entrelaçavam: substituindo a “unidade imperialista” (ou unidade baseada na opressão nacional) por uma unidade fundamentada no reconhecimento do princípio de igualdade entre as nações, a nova Rússia soviética teria acabado com a “desagregação” e a “completa ruína” que estava em ação na velha Rússia czarista; por outro lado, aumentando a sua “força” e o seu “peso”, a nova Rússia soviética teria contribuído para o enfraquecimento do imperialismo e para a causa da vitória da revolução no mundo.<sup>69</sup>

No contexto ucraniano, havia sido criado o que se denominou de *Rada* central. A *Rada* era um grupo de nacionalistas ucranianos que tomou o governo e decidiu se separar da Rússia devido ao caráter comunista da revolução. Portanto, verificamos um movimento contrarrevolucionário. Este grupo de ucranianos nacionalistas não deixava o Exército Vermelho avançar para as fronteiras ucranianas e autorizava a entrada de forças estrangeiras em seu território:

A *Rada* ucraniana recusou-se a permitir a passagem dos soldados vermelhos através de seu território. Deveriam os soviéticos se submeter, agora, à decisão da *Rada* em deferência ao direito de autodeterminação da Ucrânia, embora tal atitude pudesse colocar o sul da Rússia na mão dos exércitos brancos?<sup>70</sup>

E enquanto que a *Rada* central não deixava o Exército Vermelho adentrar na região, o movimento soviético ucraniano ganhava força e decidira lutar contra a *Rada*. Havia uma “renhida luta entre os soviéticos ucranianos e a *Rada*. A *Rada* estava dispersando os Sovietes à força armada<sup>71</sup>”. Segundo Edward Carr, a *Rada* trabalhava com uma política com os soviéticos diferente da que usava com o Governo Provisório. Este grupo procurava dispersar tropas ucranianas favoráveis aos soviéticos e organizava de bloquear a entrada do Exército Vermelho para combater a contrarrevolução. Defendiam o direito de independência, ou melhor, de separação da Rússia como fora concedida à Finlândia após a vitória de Outubro. Vejamos um trecho:

As razões de queixas específicas do Governo Soviético contra a *Rada* assumiram uma forma predominantemente militar. A *Rada* estava a tentar efetuar uma separação dos exércitos fazendo regressar todas as unidades ucranianas à Ucrânia e ajudando assim mais a desorganizar as frentes existentes e a confundir o processo de desmobilização; estava a desarmar as unidades soviéticas e da Guarda Vermelha em solo ucraniano; e estava a

---

<sup>69</sup> LOSURDO, Domenico. Stalin - História crítica de uma lenda negra. 2. Os bolcheviques: do conflito ideológico à guerra civil. Pg 53. Rio de Janeiro: Revan, 2010.

<sup>70</sup> DEUTSCHER, op cit., pg 164.

<sup>71</sup> Ibid, pg 164.

recusar-se a permitir às forças soviéticas que passassem pela Ucrânia para formarem uma frente contra os "brancos" (...).<sup>72</sup>

Na Polônia, a partir do momento que a guerra civil russa se intensifica, o Exército Branco e as forças estrangeiras adentram de forma mais enfática no território polonês<sup>73</sup> e o Partido Comunista envia tropas do Exército Vermelho para lutar e preservar as fronteiras russas. É interessante de notar o seguinte aspecto deste contexto polonês: desde o início da guerra civil russa o *Politburo* travava debates sobre o que deveria ser feito de acordo com desenrolar da situação. Aquele debate teórico já não poderia mais ficar somente nos arredores das salas do Kremlin, mas agora as ideias sobre como deveria ser travada a guerra civil era a ordem do dia. Deveria Lênin e os bolcheviques esperar e “manterem” a teoria no dia a dia da revolução? Naturalmente que não. Foi exatamente isso que acontecia no contexto Polonês, e algo deveria ser feito. Sobre o contexto, vejamos o seguinte trecho:

Em maio de 1920, o Exército polonês, comandado pelo Mal. Pilsudski, invadiu a Ucrânia, capturando Kiev. A vitória de Pilsudski foi efêmera. (...) Em junho, os poloneses retiraram-se de Kiev, rechaçados impetuosamente por Tukachevski no norte e por Yegorov e Budienni no sul. Numa ofensiva relâmpago, o Exército Vermelho alcançou o Rio Bug, que de certo modo separa a Polônia etnográfica da Ucrânia.<sup>74</sup>

Com a entrada do Exército Vermelho na Polônia, Lênin acreditava que a esta manobra iria, em primeiro lugar, incitar a classe operária polonesa a iniciar sua revolução e demonstrar para a Alemanha que o caminho estava aberto para um possível estopim revolucionário. Este pensamento, segundo Deustcher, traduzia o medo do isolamento soviético.<sup>75</sup>

Também há o argumento de Elliot Goodman onde o autor afirma que a guerra travada na Polônia era visto, também, como uma guerra de independência. Porque a Polônia e a Rússia eram Estados que já haviam se confrontado ao longo da história, o que seria, segundo Goodman, "um antagonista nacional tradicional". Isso veio a radicalizar o sentimento patriótico em parte dos bolcheviques, como em Radek, defendendo que a Guerra Russo-Polonesa era, em primeiro lugar, uma luta pela independência russa. Vamos ver o contexto:

A Guerra Russo-Polonesa de 1920 enfraqueceu as divisões de classe e trouxe apoio à causa russa sob o pretexto de patriotismo nacional. O governo soviético aceitou o oferecimento do antigo Comandante-Chefe czarista, General A.A Brusilov, para formar uma comissão especial de proeminentes generais ex-czaristas, com a finalidade de levantar o povo russo, para a defesa da pátria, contra a ameaça de um antagonista nacional tradicional. [Afirmava] Radek (...): 'Pregamos ser esta uma guerra pela independência russa; asseveramos que estamos empregando nela toda espécie de ajuda, não

---

<sup>72</sup> CARR, op cit., p. 329 - 330.

<sup>73</sup> Para mais detalhes sobre a Polônia Cf: DEUTSCHER, pg 193.

<sup>74</sup> Loc cit., pg 193.

<sup>75</sup> Loc cit., pg 193.

para defender em primeiro lugar, o governo soviético e o comunismo, mas para defender a independência da Rússia'.<sup>76</sup>

Vale lembrar também que, nesse contexto, Lênin advertia sobre os possíveis excessos conduzidos pelos bolcheviques no que se refere às negociações com a periferia à adesão ao socialismo. O principal argumento defendido por Lênin era o do "fantasma da russificação", onde a periferia e as regiões asiáticas desde o Século XIX sofriam com anexações e imposições do czarismo, aspecto que vimos anteriormente. Vamos ao argumento de Lênin:

Não há dúvida que, nos tempos modernos, os russos não experimentaram aquele tipo sensível de nacionalismo, fruto da opressão estrangeira. O seu nacionalismo era o nacionalismo do opressor: insensível, selvagem e muito mais perigoso. Lênin advertiu os companheiros sobre os perigos do tal nacionalismo, aconselhando-os a ter paciência e indulgência até mesmo com as pretensões exageradas de povos que já tinham sofrido opressão, porque as recordações do domínio czarista custariam muito a cair no esquecimento.<sup>77</sup>

Stalin havia percebido que na Polônia era uma situação complicada, pois o país fazia fronteira direta com a Ucrânia e a Ucrânia com a Rússia. Diferentemente da Finlândia, país que já havia tido sua independência, a Polônia era um país com um sentimento de nacionalismo forte. Uma das razões às quais a Polônia possuía um nacionalismo forte era a questão da língua materna. Mas, diferentemente dos ucranianos, onde o nacionalismo se dava mais por consciência da classe camponesa, os poloneses possuíam um senso identitário vinculado às suas tradições. Isso é argumento em Ernest Gellner sobre a força das tradições e as diferenças populares entre russos e as demais nacionalidades:

À medida que ocorrem grandes rupturas na estratificação da sociedade, a cultura assinala esses hiatos através das discontinuidades igualmente dramáticas no vestuário, na fala, no comportamento e no consumo.<sup>78</sup>

Este aspecto vai ao encontro do argumento de Benedict Anderson:

Embora seja fundamental ter em mente a ideia de fatalidade, no sentido de uma condição geral da diversidade linguística irremediável, seria um erro identificar essa ideia com aquele elemento comum às ideologias nacionalistas que insiste na fatalidade primordial das línguas particulares e em sua ligação com unidades territoriais também particulares.<sup>79</sup>

E no contexto da guerra civil russa os bolcheviques apoiavam o levante do operariado de uma determinada localidade contra a sua burguesia nacional. Mas alguns nacionalismos, segundo Gellner, acabam não tendo força política para vencer e acabam

---

<sup>76</sup> Ibid, GOODMAN, pg 69.

<sup>77</sup> DEUTSCHER, op cit., pg 216.

<sup>78</sup> GELLNER, Ernest et al, Pg 112, 2000.

<sup>79</sup> ANDERSON, op cit., pg 79.

sendo sufocados. Estes "pequenos" nacionalismos podem vir a ser mais fortes do que um nacionalismo oficial, conforme o autor:

De todos os nacionalismos em potencial disponíveis, a maioria é ineficaz, e dos ineficazes, a maioria morre sem dar um pio ou um protesto. (...)Aqueles que morrem, ou mesmo aqueles que nem chegam a levantar a cabeça são, "objetivamente", tão legítimos quanto eficazes, seja analisando-se pelo critério de territorialidade, de identificação cultural, raízes em comum, ou seja lá o que for. (...)<sup>80</sup>

Estes "nacionalismos em potencial", segundo Gellner, podem ser encarados como um reflexo de isolamento dos povos periféricos. O isolamento, por um lado, pode ser por proteção às agressões estrangeiras; por outro, pode se tornar um preconceito nacional. Isso porque a partir do momento que um Estado anexa o outro, como era o caso da política de russificação, o sentimento nacional floresce com mais vigor. Sobre essa política de anexações e aumento dos Estados, vejamos o argumento de Nietzsche:

(...) Os grandes Estados devoram os pequenos, o Estado-monstro devora o grande Estado - e o Estado-monstro acaba por explodir porque lhe sobrevém faltar o laço que mantinha o seu corpo: a hostilidade dos Estados vizinhos.<sup>81</sup>

E também não podemos nos esquecer que, mesmo os bolcheviques apoiando os movimentos operários nacionais contra a burguesia local, nem sempre no interior dos países o movimento revolucionário era forte. Neste caso, caso ocorresse uma independência em uma zona geograficamente importante, como é caso da Polônia, os bolcheviques iriam buscar a negociação para a sovietação polonesa. Não ocorreu. Especialmente porque o nacionalismo polonês era direitista. Esta tensão entre o nacionalismo e o marxismo é debatida em Hans Köhn:

É notável, contudo, tenha ele [Tonybee] aparentemente subestimado as tendências centrífugas apresentadas na própria União Soviética por suas muitas nacionalidades não-russas, especialmente pelas mais numerosas, os ucranianos e os muçulmanos, se bem conheça ele muito bem a tensão fundamental entre as ideologias do marxismo e do nacionalismo. Tampouco salienta a orientação ocidental dos ucranianos e dos povos bálticos que com frequência se consideram mais como fronteiras ocidentais contra Moscou do que como fronteiras de Moscou (orientais) contra o Ocidente.<sup>82</sup>

Esse sentimento iria aumentar na década de 1930, especialmente com a anexação da Alemanha em 1º de setembro. O sentimento patriótico dito por Stalin seria um dos aspectos que guiará a retórica da União Soviética na Segunda Guerra Mundial: a agressão nazista à União Soviética em 1941 foi entendida como um ataque ao país que os povos oprimidos haviam construído. Não era, portanto, uma "resposta" soviética ao ataque hitlerista, mas uma defesa de seu território. No contexto da Segunda Guerra Mundial, o sentimento nacionalista foi fortalecido pela ideia da Revolução de Outubro como um levante do operariado, campesinato e as nações oprimidas frente ao agressor,

---

<sup>80</sup> Ibid, GELLNER, pg 88.

<sup>81</sup> NIETZSCHE, op cit., pg 187.

<sup>82</sup> Ibid, KÖHN, pg 205.

o czarismo. Stalin era o então Secretário Geral do Partido Comunista e ele, um homem vindo da Geórgia, um país de cultura muito ligada a questão nacional e muito “provinciana”. No caso desse escrito, Stalin verificara que a Polônia poderia ser sovietaizada, mas seria um caminho mais difícil, visto o sentimento nacional muito enraizado nas fileiras dos soldados. Foi na Polônia, portanto, um dos centros de nacionalismo que surgiu no contexto da Revolução Russa e no período posterior.

Além do mais, a Polônia já havia sofrido com a política da russificação. Também podemos destacar o argumento de Eric Hobsbawm quando se trata da dominação territorial de um país sobre outro, criando, a partir dessa dominação, uma identidade mais forte:

A unidade imposta pela conquista e pela administração muitas vezes pode, na longa corrida, produzir um povo que se vê como uma "nação", assim como a existência de Estados independentes terá algumas vezes criado um senso de cidadania patriótica.<sup>83</sup>

Stalin escrevera sobre o sentimento polonês, no contexto da guerra civil, o seguinte:

De modo diferente das retaguardas de Koltchak e Denikin, as das tropas polonesas são homogêneas e de uma nacionalidade. Daí a sua unidade e estabilidade. No espírito de suas populações predomina o “sentimento patriótico”, que se transmite à frente polonesa por numerosos canais, gerando nas divisões a unidade nacional e a firmeza.<sup>84</sup>

Stalin percebera este sentimento e no dia a dia dos acontecimentos escreveu sobre isso. Foi com o caso polonês que o Partido Comunista verificou que, em 1920, a revolução sofrera um revés e teve de recuar. O argumento de ter que esperar cada país atingir determinado grau de desenvolvimento e fazer a revolução, em 1920 e 1921 era um ponto de vista, digamos, essencialmente teórico. No auge da guerra civil russa, onde o governo soviético se viu isolado, este aspecto não era mais do que teoria para os bolcheviques. Em primeiro lugar, trataram de vencer a guerra civil e de estabelecer a hegemonia soviética como novo poder.

Não somente na Polônia havia ressentimento para com os russos, mas parte da Geórgia também. Isto muito devido ao fato dos bolcheviques, na questão georgiana, terem ignorado a ambição dos georgianos. Isso fez com que Stalin não negociasse com a Geórgia, mandasse adentrar o território e sovieta-lo. É complicado, entretanto, de precisar o ressentimento georgiano. Isso porque a Geórgia fazia parte do Cáucaso e o Cáucaso congregava diversas populações. E neste ínterim, a Geórgia não era vista como um Estado independente pelo bolchevismo, embora fosse uma república autônoma menchevique desde 1918. Gellner afirma que a centralização do Estado a partir da língua cria um ódio de classe, mas que, diferentemente da teoria marxista, não se baseia no antagonismo de classe; se baseia, em um ódio étnico devido às políticas

---

<sup>83</sup> Ibid, HOBBSAWM, pg 166.

<sup>84</sup> LOSURDO, op cit., pg 53.

centralizadoras ou anexadoras. Essas políticas, buscando impor uma língua ou uma tradição "oficial", geram um sentimento nacional mais forte, como é o caso georgiano. No caso polonês verificamos a mesma característica do ódio étnico. Nisso, como já vimos, parte dos bolcheviques ignoraram o pedido dos georgianos de manter a sua independência e governo próprios, anexando o país em 1921. É claro que, no início, não era política de impor a língua russa sobre a georgiana. A preocupação maior era a manutenção do território russo. Sobre esse ódio étnico, vejamos Ernest Gellner:

Desponta então o ódio entre classes, postulado pelo marxismo. (...) Mas, ao contrário das previsões do marxismo, ele não persiste e cresce, a menos que seja endossado, digamos, por uma alavanca étnica. Sentimentos poderosos, a serem devidamente rotulados de nacionais, emergem com rapidez e persistem quando os desvalidos estão em condições de observar que os mais afortunados são culturalmente distintos deles (...) em sua fala (...). (...) Quando esses outros também são culturalmente distintos, os desvalidos logo observam que aqueles que os exploram, (...) são os que também acrescentam afronta ao prejuízo, ao tratá-los com desdém.<sup>85</sup>

Sobre o contexto georgiano e a política bolchevique:

(...) Os habitantes do planalto georgiano não gostaram da invasão do Exército Vermelho. Stalin (...) dava ordens para a invasão na Geórgia. (...) Até o último momento nada se disse sobre os preparativos da campanha ao Comissário de Guerra; mas, no último momento, a campanha contou com o apoio de Lênin e do Politburo, informados de que um levante comunista irromperia em Tiflis e que o Exército Vermelho limitar-se-ia a fazer com que a balança pesasse a favor dos vermelhos (...). Uma revolta comunista realmente irromperia em Tiflis, mas não contava com o apoio popular suficiente para lhe assegurar a vitória.<sup>86</sup>

Há uma discrepância entre o contexto caucasiano relatado por Deutscher e uma revista sobre a Armênia publicada em 1967 pela União Soviética. Naturalmente que verificamos o aspecto altamente positivo detalhado na revista, aspecto pelo qual identificamos como um dos itens ligados ao nacionalismo. Mesmo assim, é interessante de expor, seguindo as diretrizes desta pesquisa, as respectivas passagens:

O Cáucaso era uma região agitada por conflitos sangrentos entre georgianos, armênios e tártaros, todos opostos, em graus diferentes, aos russos. Cossacos, chechens, ossetos e outras tribos menores do planalto empenhavam-se num massacre implacável e mútuo (...).<sup>87</sup>

A segunda passagem, da revista, trata da invasão e domínio turco na Armênia entre 1918 e 1920. Podemos verificar a discrepância pelo fato de, na revista soviética, ser colocado a "ajuda e apoio dado pelo povo russo aos armênios na luta contra os contrarrevolucionários turcos". Vejamos:

---

<sup>85</sup> GELLNER, Ernest et al, Pg 134, 2000.

<sup>86</sup> DEUTSCHER, op cit., p. 212 - 213.

<sup>87</sup> Loc cit, 213.

O governo turco violou o Tratado de Brest (Litovsk) e, com o apoio dos poderes do Ocidente, a Alemanha em primeiro lugar, invadiu a Transcaucásia no início de 1918. Enquanto as tropas turcas marchavam sobre o país deixando assassinatos e devastação em sua passagem, as tropas soviéticas vieram no chamado do povo armênio. (...) Em 29 de novembro, 1920, uma revolta armada do povo trabalhador armênio, chefiado pelo Partido Comunista e apoiado pelo povo russo, colocou um fim no mal afamado jugo de Dashnak. A Armênia tornou-se um Estado soviético governado pelo povo trabalhador - os operários e camponeses.<sup>88</sup>

Esta discrepância pode ser traduzida como uma característica das nações modernas no Século XX: a necessidade de reescrever a história para fins oficiais. No caso soviético, para enaltecer o governo estabelecido pela revolução e criar um senso de nação na população soviética; por outro lado, em *Deutscher* verificamos um trabalho historiográfico mais minucioso, buscando de forma mais científica estudar o passado.

---

<sup>88</sup> Novosti Press Agency Publicity House: USSR Armenia. Pp 18 - 20/ 20 - 22. USSR: Moscow, 1967.

Original: "(...) The Turkish government violated the Brest Treaty and with the support of the Western powers, Germany first of all, invaded Transcaucasia at the beginning of 1918. As the Turkish troops marched through the country, leaving murder and devastation in their wake, the Soviet Republic came to the aid of the Armenian people. (...) On November 29, 1920, an armed uprising of the working people of Armenia, headed by the Communist Party and aided by the Russian people, put an end to the ill-famed Dashnak rule. Armenia became a Soviet state, ruled by the working people—the workers and the peasants."

### III. O refluxo revolucionário em 1923

Levando em consideração o fato de que o povo russo em geral precisava ter bases sólidas para a construção do novo Estado. Estas podem ser o início da industrialização do país, por um lado, e a busca pelo apaziguamento, por outro. Em fins da guerra civil russa, os trabalhadores, soldados e camponeses, estavam cansados dos tempos de guerra e a paz era defendida por todos. Em 1923, já havia sido criada a cisão do Partido Bolchevique, dividido entre as alas da esquerda - encabeçado por Leon Trótski - que defendia a revolução mundial e a "resposta do Ocidente"; e por outro, a ala da direita (ou ala burocrática) - encabeçada, inicialmente, pelo triunvirato Stalin, Kamenev e Zinoviev - que, após a morte de Lênin, defendia o apaziguamento da União Soviética e a consolidação da Rússia como país socialista. Esta cisão refletia-se tanto no ponto de vista bolchevique, quanto, por exemplo, na política externa da III Internacional. Vejamos algumas passagens de Isaac Deustcher sobre o assunto:

A maioria [dos líderes comunistas], a princípio, tomou posição ao lado de Trótski contra Stalin (...). Assim, (...) Stalin não podia deixar de estender ao *Comintern*, ainda afeito à ação recíproca de várias tendências, tradições e pontos de vista (...), os métodos pelos quais estava transformando o partido russo num órgão "monolítico". (...) O centro de gravidade da organização passou para o seu Comitê Executivo. Tanto no partido russo como no *Comintern*, a cúpula alcançou total predomínio sobre as bases do movimento.<sup>89</sup>

Uma das razões pelas qual Stalin e sua ala ganharam notoriedade com a população e fez com que o Partido votasse nele para ser Secretário Geral foi devido a seu argumento de fortalecer, criar o Estado soviético e apaziguar o contexto russo.

À medida que as possibilidades de uma revolução socialista na Europa industrial apresentavam-se cada vez mais difíceis, a ideia de defesa das necessidades mais prementes da revolução e da garantia de segurança e a reconstrução nacional, ganhava força.<sup>90</sup>

No início da década de 1920, o fluxo revolucionário na Europa havia tido uma retração e a guerra civil russa estava no fim, com a vitória do Exército Vermelho sobre as tropas estrangeiras. A população em geral via com bons olhos o futuro soviético. Tenho de pontuar, no entanto, que esta opinião da população soviética é demonstrada somente a partir de 1924. Esta vontade de ter paz, segurança e estabilidade se deram no contexto de embate político entre Trótski e Stalin sobre o futuro da União Soviética. Esta visão da população é fruto do lançamento da teoria de J. Stalin do "Socialismo em um só país". Vejamos:

[O Partido e a população] Precisavam de uma ideia ou de um lema que expressasse integralmente a autoconfiança recém conquistada. (...) Livrou-os de maneira considerável da sensação de dependerem dos acontecimentos

<sup>89</sup> DEUTSCHER, op cit., pg 357.

<sup>90</sup> VIZENTINI, Paulo Fagundes. A Guerra Fria: o desafio socialista à ordem americana. A União Soviética e o mundo (1917 - 1945). Pg 21. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

ocorridos nos cinco sextos do mundo que se achavam fora de seu controle. (...) O partido e as classes trabalhadoras estavam cansadas de esperar pela revolução internacional apregoada diariamente pelo bolchevismo.<sup>91</sup>

O discurso da revolução internacional perdia fôlego até que o horizonte comunista chegasse. Este fluxo retroativo da revolução é debatido em Eric Hobsbawm:

Embora a situação européia estivesse longe de estabilizada, era claro que em 1920 a Revolução Bolchevique não estava nos planos do Ocidente, embora também fosse claro que na Rússia os bolcheviques se achavam estabelecidos permanentemente.<sup>92</sup>

Esta posição dos soviéticos frente ao refluxo revolucionário a partir de 1923 se deu, especialmente, pela derrota da revolução na Alemanha. Stalin já defendia que uma revolução comunista na Alemanha não poderia se dar devido a falta de apoio do campesinato em uma revolução comunista e mais ainda: o contexto que levou à Revolução Russa se deu, especialmente, devido a questão da paz e saída da Primeira Guerra Mundial. Stalin e os bolcheviques, já tendo visto a derrota na Polônia, na Hungria e agora na Alemanha, não contavam mais com o estouro da revolução mundial. A política interna passou a ser a da construção do socialismo dentro das fronteiras soviéticas. Vejamos o argumento de Stalin sobre a Alemanha:

A diferença entre as possibilidades dos bolcheviques em 1917 e as dos comunistas alemães em 1923, segundo Stalin, era que os bolcheviques contavam com o apoio de um povo que ansiava pela paz e de um campesinato ávido por tomar as terras dos latifundiários. O que estava implícito em seu argumento era que os comunistas alemães não podiam nutrir a esperança de tomar o poder em 1923 (...) porque não lhes era possível obter do campesinato apoio comparável àquele recebido pelo bolchevismo (...).<sup>93</sup>

Há um argumento defendido por Elliot R. Goodman que aborda este contexto de 1923. Para Goodman, os bolcheviques, nesse refluxo revolucionário, revisaram a questão do internacionalismo. Essa revisão, encabeçada especialmente pela ala burocrática, seguia determinado princípio: o contexto revolucionário alemão deveria ser encarado como uma luta dos operários para atingir o poder e criar um novo país. Portanto, como diz Elliot Goodman, "o Comintern deveria adaptar-se ao jogo nacionalista alemão". O argumento que o autor defende se baseia na ideia de que os bolcheviques, em princípio, buscavam a proteção da Rússia em primeiro lugar. Mesmo que, após a vitória em outubro, existisse a ideia da revolução internacional. Os soviéticos buscavam, no período inicial, o internacionalismo, até mais ou menos 1921. A partir da vitória na guerra civil russa, os bolcheviques passam à defesa da pátria da revolução, ou seja, o Estado russo-soviético. E o internacionalismo funcionava da seguinte maneira: os partidos comunistas nacionais participantes do Comintern deveriam defender a Rússia soviética. E a manutenção deste Estado russo-soviético seria uma manutenção do

---

<sup>91</sup> DEUTSCHER, op cit., p. 259 - 260.

<sup>92</sup> HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: O breve século XX (1914 - 1991). 2. A revolução mundial. Pg 76. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>93</sup> Ibid, DEUTSCHER, pg 356.

socialismo enquanto país. É um argumento nacionalista. Porque ao mesmo tempo que era defendida a assistência dos partidos comunistas à Rússia como reflexo do internacionalismo, a consequência era a de uma maior centralização de poder e de retórica da Rússia soviética como pátria. Vejamos o que diz Elliot Goodman sobre o Comintern e a política exterior:

O ponto catorze das vinte e uma condições, por outro lado, ressaltava a importância do Estado russo ao tornar obrigatório ao proletariado mundial prestar toda assistência àquela república proletária que já houvesse chegado ao grau de Estado. Os estatutos de 1920 da Comintern, declaravam também que 'a Internacional Comunista sustenta completa e irrestritamente as conquistas da grande revolução proletária na Rússia'.<sup>94</sup>

É importante expor o ponto de vista de Stalin nesse contexto:

O Partido age na suposição de que as tarefas 'nacionais' e internacionais do proletariado na URSS se fundem no objetivo único de libertar do capitalismo o proletariado de todos os países, e que os interesses na implantação do socialismo no nosso país, integram-se completa e totalmente com os interesses do movimento revolucionário de todos os países visando ao objetivo comum da vitória da revolução socialista nestes mesmos países.<sup>95</sup>

Este refluxo revolucionário pode ser visto de acordo com duas perspectivas: a primeira, que a revolução na Europa não vingaria, pois já havia tido derrotas dos processos revolucionários: Polônia, Hungria e em 1923, a Alemanha. O Partido Comunista, então, muda sua política internacional a partir da Comintern pelo argumento da defesa interna. Essa defesa, baseada no ponto de vista da ala de Stalin de criação e fortalecimento do Estado soviético. Os partidos comunistas ao redor do mundo, portanto, deveriam defender a pátria da revolução. Verificadas essas derrotas, para Stalin a necessidade de reconstrução do país torna-se inevitável, visto o surgimento do fascismo italiano e o fortalecimento da extrema-direita europeia. Essa política de reconstrução será levada a cabo com a pesada industrialização soviética a partir da década de 1930. Esta necessidade de defesa se encontrava intrinsecamente por causa da derrota da revolução na Europa. A União Soviética passa a olhar mais para dentro, especialmente devido à preferência do Secretário-Geral às populações periféricas e asiáticas.

---

<sup>94</sup> GOODMAN, op cit., pg 74.

<sup>95</sup> GOODMAN, Elliot R apud Pg 76, 1965.

#### IV. Conclusão

A pesquisa segue para o seu término com algumas colocações necessárias a serem feitas. Em primeiro lugar, devo afirmar que com a hipótese levantada não cheguei necessariamente a uma conclusão que interligasse, diretamente, o conceito com a temática. Isso porque o conceito de "nacionalismo", de acordo com os autores levantados, é um conceito, ou melhor, um fenômeno que ocorre na sociedade industrializada. A partir do momento que ocorre esta industrialização ocorre o sistema educacional universal e a centralização do Estado. Isso já vimos. No entanto, o recorte histórico escolhido junto com a temática me possibilitou a verificação de alguns aspectos semelhantes, mas não idênticos. Isso porque, no contexto russo revolucionário o Estado ainda estava por se formar e o pensamento teórico bolchevista teve mudanças ao longo do tempo. O que podemos elencar como proximidade entre o conceito e o contexto pode ser, por exemplo, a questão da russificação e o seu legado. O dilema bolchevique se torna muito maior devido a esta política czarista anterior frente às populações periféricas. Até porque a política de russificação é datada antes do Século XIX e o czarismo enquanto poder é muito mais antigo. A Revolução Russa, embora tenha sido a primeira experiência comunista mundial, teve dificuldades, - ou usando as palavras de Lênin - zigue-zagues históricos. Porque, mais que tudo, a revolução enquanto fenômeno nasceu em um país feudal e de mentalidade feudal. Boa parte da economia ainda era baseada na agricultura, tendo o campesinato como força quase que dominante;

O problema das nacionalidades, para os bolcheviques, se deu em duas principais linhas: a linha interna russa, ou seja, como lidar com as etnias mais próximas da etnia russa (como é o caso dos poloneses, ucranianos, georgianos); e a linha externa, a problemática dos povos camponeses longínquos, siberianos, tribais e asiáticos. Como vimos, a heterogeneidade populacional no seio russo era gigantesca. E a minha pesquisa, embora tenha dado importância também para a questão da guerra civil e do refluxo revolucionário, não aborda, por exemplo, a preocupação da revolução mundial. Ou aquilo que denominamos de "resposta do Ocidente". Vale lembrar que esta preocupação era inerente à revolução, visto que foi uma revolução baseada nos preceitos marxistas. Marx defendia que a revolução comunista se daria, em primeiro lugar, na Alemanha e na Inglaterra, países que já tinham o capitalismo moderno como modo de produção. Os autores escolhidos que abordam sobre o nacionalismo têm o materialismo histórico como meio teórico para estabelecer seu argumento - especialmente Ernest Gellner e que, inclusive, considerei o autor mais completo que escreve sobre -. Para esses autores é quase que uma reação em cadeia o surgimento do nacionalismo. Tudo se interliga com o capitalismo moderno, a indústria, o sistema educacional e a língua. Embora esses sejam os principais eixos que completam o nacionalismo, com a Rússia somente a língua é um fator decisivo para o surgimento de nacionalismos; a indústria, a partir de 1917, era ainda pequena, em formação, ainda que parte da força motora revolucionária tenha sido o operariado de Petrogrado. Sobre a língua, traçamos a questão étnica no contexto russo, o que levou à verificação dessas diferenças populacionais; assim, a questão étnica é posta como a segunda chave para o entendimento da questão nacional:

com a ascensão de uma etnia na administração e no Exército, há uma unificação linguística. Essa etnia se torna a dominante e governa. Esse foi um dos resultados da russificação. Os jornais, as escolas, as propagandas eram em russo e não, por exemplo, em georgiano. É claro, havia nos países os panfletos nas respectivas línguas maternas, músicas, tradições; todavia, essa unificação linguística levou à criação de um sentimento nacional periférico mais forte. Então, com o contexto revolucionário, a teoria mais avançada sobre a autodeterminação dos povos se deu no 8º Congresso do Partido Bolchevique, traçada por Lênin: cada população se encontrava em determinado grau de desenvolvimento e o Partido necessitava de verificar caso a caso. O que veio a se chamar de "estágios de transição do medievalismo para a democracia". Uma das contradições que envolvem a temática e o conceito: em primeiro lugar, a questão da industrialização. Ora, na Ucrânia, por exemplo, os camponeses eram muito mais numerosos e já se organizavam em torno dos Sovietes para propor suas reivindicações. Eram um dos povos onde o sentimento nacional era o mais forte, devido à política da russificação. Mas, como vimos, havia também as diferenças de campo para o campo: embora na Ucrânia o campesinato já tivesse uma força de ação estabelecida, na Sibéria os camponeses sequer tinham aspirações nacionais, conforme afirmava Leon Trótski. Outra contradição é no que se refere à fonte histórica de Stalin, de 1920: o argumento de Stalin estabelecia a política que, para fazer compreensível o poder soviético e a revolução para os povos asiáticos, era preciso fazer com que as massas fizessem parte na administração e que a língua materna se mantivesse. Conjuntamente com as tradições locais. A contradição disso é que, conceitualmente, o nacionalismo exige uma homogeneização da língua e uma ascensão de uma etnia como governante. O primeiro aspecto defendido por Gellner e o segundo por Anderson. Porém, a política bolchevista à época era a de federação, ou seja, o centro administrativo seria em Moscou como capital, e nas repúblicas haveriam governos locais em suas respectivas línguas e costumes. Teoricamente deveria se dar uma etnia governante - a russa, digamos - e a língua russa. No recorte escolhido não existia isso. Portanto, há esta contradição.

Uma aproximação conceitual com a temática se dá pela língua e pela imprensa. O caráter nacional se desenvolve a partir do momento que um grupo ou comunidade se identifica linguisticamente. Vimos isso em Benedict Anderson. Na Rússia de 1917, nos Sovietes eram debatidas notícias sobre o Governo Provisório, estabelecidas táticas de ação nas fábricas, nos correios, a partir da leitura do *Pravda*. E este jornal, que até quase outubro era clandestino, era escrito em russo. A aproximação, portanto, é a fusão da língua com a tecnologia de imprensa, criando um senso de pertencimento, um sentimento nacional. E outra que podemos estabelecer é no período de finais de 1922 e 1923, onde Stalin torna-se Secretário-Geral e a centralização no quesito russo começa a aumentar, gradualmente. Por um lado, porque a força de decisão da ala burocrática se consolida e a política da criação do Estado soviético se inicia; por outro, devido às derrotas externas dos processos revolucionários (Alemanha, Polônia, Hungria). A hipótese levantada, portanto, teve algumas aproximações e outras contradições.

Uma das raízes da Revolução Russa foi o internacionalismo. Mesmo que este internacionalismo seja a teleologia marxista, a realidade que se deu foi outra. Após o fim da guerra civil russa (1921), a União Soviética se encontrava quase que completamente destruída. E, como vimos, após a derrota na Polônia e, mais ainda, com a derrota da Alemanha, os bolcheviques não acreditavam mais na revolução mundial. Era necessário, em primeiro lugar, reconstruir as bases para a manutenção do país nascido na revolução. E, diferentemente de Trótski, Stalin tinha uma visão mais pragmática de desenvolvimento naquele contexto. A questão internacional passou a ser a defesa e o apoio da União Soviética enquanto pátria do socialismo. E a visualização de uma URSS estabelecida, seria, teoricamente, a probabilidade de sucesso revolucionário em outros países.

## Referências bibliográficas

### I - Fontes Empíricas

- ULYANOV (Lênin), Vladimir Ilyich. *The Ukraine*. Disponível no *Marxist Internet Archive*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1917/jun/28.htm> acessado em 18/06/2019
- ULYANOV (Lênin), Vladimir Ilyich. Resolução sobre a questão nacional. Disponível no Arquivo Marxista da Internet. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/05/16-02.htm> acessado em 18/06/2019
- DJUGASHVILI (Stalin), Joseph Vissarionovitch. *The policy of Soviet Government on the national question in Russia*. Disponível no *Marxist Internet Archive*. Disponível em: <https://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1920/10/10.htm> acessado em 18/06/2019
- ULYANOV (Lênin), Vladimir Ilyich. *Report on the Party programme*. Disponível em *Marxist Internet Archive*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1919/rcp8th/03.htm> acessado em 18/06/2019
- TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa - Terceiro Volume: O triunfo dos sovietes*. Rio de Janeiro: Saga, 1967.

### II - Fontes Secundárias

- DEUTSCHER, Isaac. *Stalin - A história de uma tirania, Volume 1. Civilização Brasileira*: Rio de Janeiro, 1970.
- DEUTSCHER, Isaac. *Stalin - A história de uma tirania, Volume 2. Civilização Brasileira*: Rio de Janeiro, 1970.
- SUNY, Ronald G. A revolução de outubro e o problema das nacionalidades. *Revista da USP - Estudos Avançados*. v. 12, nº 32, 1998.
- Academia de Ciências de la URSS, Instituto de Historia. *Compendio de historia de la URSS*. Moscou: Editorial Progreso.
- WEBB, Sidney; WEBB, Beatrice. *URSS - Uma Nova Civilização 1º Volume*. Calvino: Rio de Janeiro, 1945.
- MEDVEDEV, Zhores A. e MEDVEDEV, Roy. *A - Um Stalin desconhecido*. Editora Record: Rio de Janeiro, 2006.
- CARR, Edward H. *História da Rússia soviética: a revolução bolchevique 1917 - 1923, 1º Volume*. Afrontamento: Lisboa, 1977.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A Guerra Fria: o desafio socialista à ordem americana*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

- HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: O breve século XX (1914 - 1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LOSURDO, Domenico. Stalin - História crítica de uma lenda negra. Rio de Janeiro: Revan, 2010.
- GOODMAN, Elliot R. - O plano soviético de Estado mundial. Rio de Janeiro: Presença, 1965.

### **III - Obras sobre teoria nacional**

- GELLNER, Ernest. Nacionalismo e Democracia. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.
- ANDERSON, Benedict R. Comunidades imaginadas - Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- Um mapa da questão nacional. Org: BALAKRISHNAN, Gopal. Introdução: ANDERSON, Benedict. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- KÖHN, Hans - Reflexões sobre a História Moderna: O Historiador e a Responsabilidade Humana. Aspectos do Nacionalismo. São Paulo: Fundo de Cultura, 1ª Ed, 1965.
- HOBBSAWM, Eric. Nações e Nacionalismos desde 1780. 5ª Ed, São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Escritos sobre política: a pequena e a grande política
- Volume II. Edição PUC-Rio. São Paulo: Loyola, 2007.